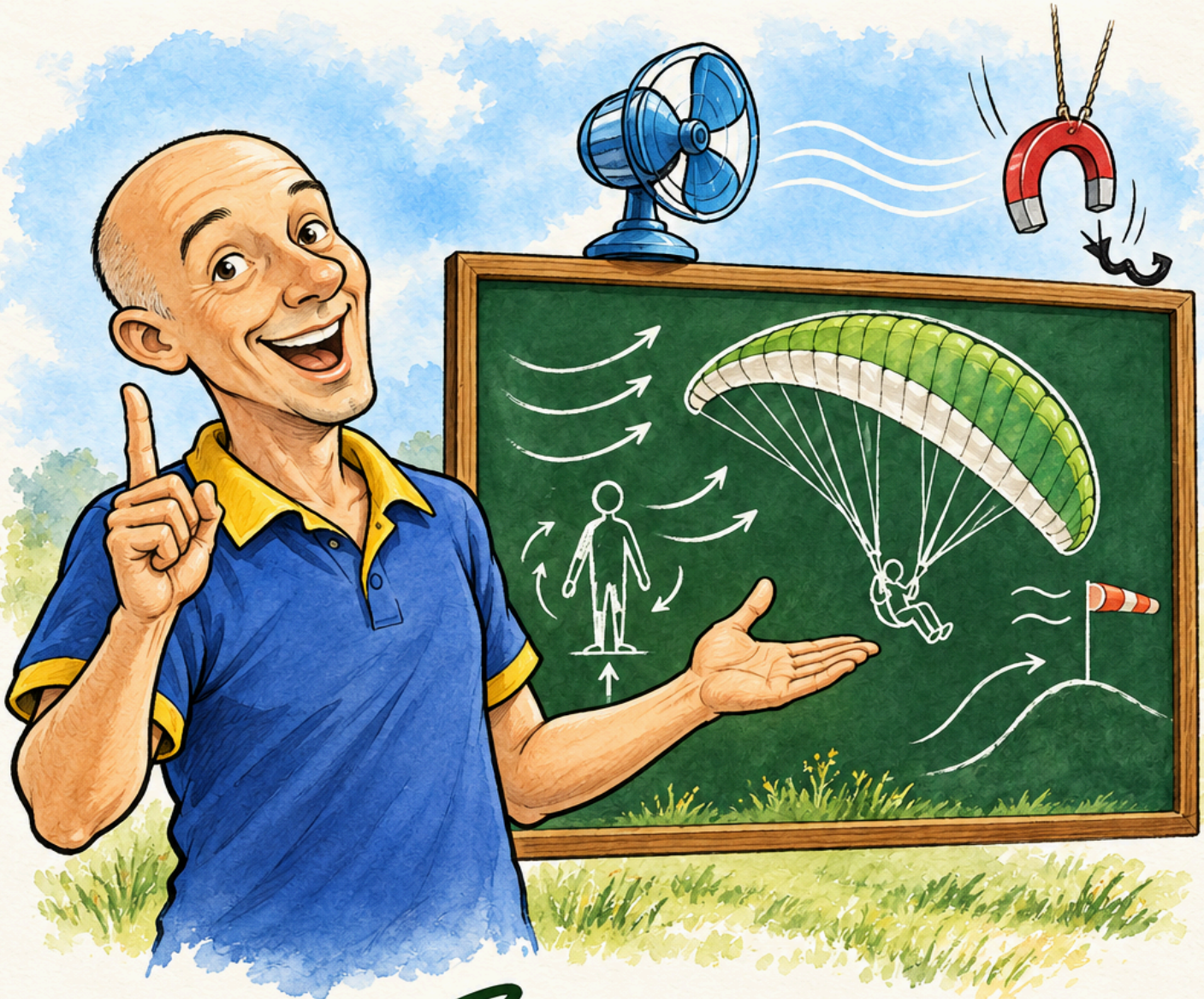
MANUAL TÉCNICO DIDÁTICO
para o aprendizado de
PARAPENTE



Sivuca

Silvio Ambrosini

Se você conseguir sustentar
uma boa relação
com cidadão comum,
é possível que você consiga
ensiná-lo a voar um
um parapente.

Possibilitar que ele
se torne um verdadeiro piloto,
já é outra história…

...porém perfeitamente realizável.

Sivuca

Apresentação

Este manual apresenta uma proposta de organização do ensino básico de parapente destinada a instrutores. Seu objetivo é oferecer princípios didáticos e exercícios práticos para desenvolver, de forma integrada, o controle do equipamento, a compreensão das condições de prática e a capacidade de tomar decisões responsáveis.

A formação de um piloto exige o desenvolvimento de habilidades motoras, percepção do ambiente e reconhecimento dos próprios limites. Desde o início do curso, o aluno deve aprender a observar, compreender e avaliar suas ações, participando ativamente do processo de aprendizagem.

A metodologia organiza o treinamento em objetivos intermediários: tarefas com propósito definido e dificuldade progressiva, que permitem ao aluno reconhecer suas conquistas e identificar o que ainda precisa aprimorar. Cada exercício deve ser apresentado com uma explicação de sua finalidade, acompanhado de demonstração e prática supervisionada e seguido de uma discussão sobre os resultados.

O princípio orientador é a educação do pensamento. Cabe ao instrutor criar oportunidades para que o aluno compreenda os motivos dos procedimentos, relacione teoria e prática e desenvolva critérios para avaliar o piloto, a condição e o equipamento. A autonomia é construída gradualmente, conforme o aluno demonstra competência e capacidade de julgamento, mantendo-se a supervisão e a intervenção necessárias à segurança.

Os exercícios também procuram tornar o treinamento significativo e envolvente. Metas claras, atividades variadas e oportunidades de observar, discutir e tentar novamente ajudam a sustentar o interesse do aluno. A prática de solo passa a ter objetivos próprios, cujo cumprimento contribui para a preparação das etapas seguintes.

As propostas devem ser analisadas e adaptadas às características dos alunos, dos equipamentos e do local de treinamento. Essa adaptação exige preservar a finalidade de cada exercício, estabelecer condições adequadas para sua realização e definir critérios de progressão e interrupção. O avanço no curso deve considerar tanto a execução das tarefas quanto a compreensão dos procedimentos e o reconhecimento dos limites de atuação.

A finalidade deste manual é apoiar o instrutor na formação de pilotos capazes de controlar o parapente, avaliar situações e assumir responsabilidade por suas

decisões, incluindo a decisão de não voar. Esse trabalho pressupõe uma relação de respeito, participação e compromisso com a segurança.

Introdução

Este manual apresenta uma proposta didática e metodológica para apoiar o instrutor de parapente nas dificuldades cotidianas do ensino. Reúne princípios e exercícios práticos destinados a organizar o treinamento básico, favorecer o envolvimento dos alunos e desenvolver habilidades, compreensão e responsabilidade.

A proposta foi construída e aperfeiçoada ao longo de anos de instrução. Nesse período, foram observados resultados satisfatórios na evolução dos alunos e em sua disposição para participar do treinamento. Essas observações motivam a apresentação do método, mas sua aplicação exige análise das condições de cada escola e acompanhamento dos resultados.

O convite ao instrutor é conhecer a proposta com espírito crítico. Questione os procedimentos, procure compreender seus fundamentos e observe se os resultados correspondem aos objetivos pretendidos. Ao experimentar um exercício, avalie o que ele permite aprender, quais dificuldades surgem e quais ajustes são necessários. A curiosidade e a disposição para revisar a própria prática fazem parte do trabalho de ensinar.[1]

Os exercícios constituem o núcleo prático do método. Sua organização em objetivos intermediários procura tornar o aprendizado progressivo e significativo, oferecendo ao aluno desafios que ele possa compreender, realizar e avaliar. Dessa forma, o treinamento básico pode proporcionar interesse e satisfação enquanto desenvolve os recursos necessários às etapas seguintes.



A formação proposta também envolve a construção de uma cultura de segurança, colaboração e respeito. A escola participa da maneira como o futuro piloto aprenderá a relacionar-se com seus limites, com os outros praticantes, com os equipamentos e com o ambiente. As atitudes cultivadas durante o

[1] Essa orientação aproxima-se da reflexão crítica sobre a prática defendida por Paulo Freire. A experiência do educador constitui material de investigação: ao examinar suas escolhas e seus resultados, ele pode compreender melhor o que faz e aperfeiçoar o ensino. Ver Pedagogia da autonomia, seção 1.8, “Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática”.

curso podem acompanhar o aluno por toda a sua trajetória no esporte.

A qualidade desse trabalho também pode contribuir para a continuidade da escola. Um ensino organizado, uma relação de confiança e o acompanhamento responsável dos alunos fortalecem sua atuação e sua contribuição para o desenvolvimento do parapente. Por isso, formar pilotos exige considerar tanto a aprendizagem individual quanto a convivência e as práticas que a escola promove.

As atividades apresentadas devem ser estudadas antes de sua aplicação. Algumas serão adequadas às condições disponíveis; outras precisarão de ajustes ou não serão apropriadas para determinado contexto. Cabe ao instrutor avaliar essas possibilidades, considerando a finalidade do exercício, a preparação dos alunos, os equipamentos e as condições do local.

Utilize este material como apoio para observar, planejar e aperfeiçoar seu trabalho. Ao adaptar ou criar atividades, preserve objetivos claros, critérios de avaliação e limites de segurança. O propósito é oferecer uma base para que o instrutor desenvolva sua prática com criatividade, discernimento e responsabilidade.

Compreender e apresentar o esporte

No primeiro encontro com alunos ou futuros alunos, o instrutor tem uma missão importante: apresentar o parapente de maneira ampla, clara e honesta. Isso significa falar tanto da máquina voadora quanto da prática do esporte, com suas possibilidades, exigências, limitações e riscos. Quem chega à escola precisa compreender em que está se envolvendo.

O parapente também é um universo de convivência, com hábitos, valores e regras que fazem parte da vida dos pilotos. Aprender a voar significa entrar nesse universo, compartilhar espaços e assumir responsabilidades perante si mesmo, os outros praticantes e o ambiente. Essa dimensão do esporte precisa estar presente desde as primeiras conversas.

Conhecimento e experiência

A prática do parapente envolve conhecimentos de física, aerodinâmica, meteorologia e biomecânica que ajudam a compreender o voo e a desenvolver sua técnica. Não precisamos apresentar tudo de uma vez, mas devemos mostrar aos alunos que existem explicações para o comportamento da máquina e das condições em que ela voa.

Esses conhecimentos ganham significado durante a prática. A observação da natureza, o contato com o equipamento e a discussão sobre o que acontece no treinamento permitem compreender como o vento, o relevo e outros fatores influenciam o voo. A experiência de outros pilotos também pode ensinar muito, desde que seus relatos sejam analisados considerando as circunstâncias em que ocorreram.

Teoria e prática caminham juntas. Uma explicação ajuda a compreender aquilo que sentimos e observamos; uma experiência pode levantar perguntas que nos levam de volta à teoria. Cabe ao instrutor incentivar essa troca, ajudando o aluno a investigar os acontecimentos e a construir critérios para suas decisões.

O acúmulo de experiência é um ingrediente essencial para o desenvolvimento da maturidade do piloto. Entretanto, repetir uma atividade não basta: é preciso observar seus resultados, reconhecer dificuldades e rever decisões. Um voo que terminou bem merece ser analisado com o mesmo cuidado que uma situação em que algo deu errado.

As possibilidades do esporte

A sensação de liberdade ao voar, o contato com a natureza e a descoberta de paisagens vistas de uma perspectiva única são parte do encanto do parapente. Há também o prazer de desenvolver habilidades, realizar voos de distância, participar de competições e explorar modalidades que exigem preparação específica. São caminhos diferentes, capazes de despertar interesses muito particulares.

Apresente essas possibilidades com entusiasmo. Mostre a riqueza do esporte, mas lembre-se de que aquilo que encanta você pode não ser o que seu aluno procura. Um voo tranquilo no final da tarde pode representar uma realização tão importante para uma pessoa quanto uma conquista de distância representa para outra. Conheça seus alunos antes de imaginar onde eles deveriam querer chegar.

As limitações da prática

Compreender as limitações do esporte permite estabelecer expectativas realistas. O voo depende da relação entre piloto, condição e equipamento: uma condição que permite a um piloto experiente decolar pode estar além dos recursos de um iniciante, e um equipamento precisa ser adequado a quem o utiliza e à atividade pretendida.

Seu aluno precisa compreender desde cedo que desejar voar não torna o voo possível naquele momento. Às vezes, será necessário esperar, mudar o planejamento ou voltar para casa sem decolar. Isso faz parte do esporte e deve ser apresentado antes que a frustração apareça. A decisão de não voar também exige conhecimento e responsabilidade.

Os riscos e a segurança

Entender os riscos envolvidos na prática do parapente é essencial. Acidentes podem provocar lesões graves e morte, com consequências profundas para o piloto e sua família, além de afetar os demais envolvidos. O instrutor deve falar sobre isso com clareza, explicando também os cuidados e os limites que orientam o treinamento.

Isso é importantíssimo porque a maneira como você apresenta o esporte influencia as expectativas de seus alunos. Embora você se sinta seguro ao voar, essa confiança é uma experiência pessoal. Ela não deve levar você a apresentar o parapente como “superseguro”, nem fazer seu aluno acreditar que a habilidade elimina os riscos.

Uma cultura de segurança se constrói nos procedimentos e nas atitudes do dia a dia. Preparar e verificar o equipamento, observar as condições, reconhecer os próprios limites e respeitar os demais pilotos são partes desse trabalho. Também é preciso criar espaço para que o aluno diga que está com medo, admita uma dúvida ou peça ajuda, sem sentir que isso o torna menos capaz.

Sua visão e a visão do aluno

Você é uma pessoa com seus anseios, medos, desejos, opiniões e decisões. Sua individualidade dá personalidade e vida ao curso. Entretanto, cada pessoa que se aproxima de você também tem suas peculiaridades, suas expectativas e sua maneira de ver e sentir o mundo.

Por isso, procure reconhecer o que, na sua apresentação, corresponde às características do esporte e o que expressa suas preferências pessoais. Você pode compartilhar aquilo que ama no parapente e os caminhos que escolheu percorrer, mantendo espaço para que seus alunos descubram interesses diferentes dos seus.

Construa uma apresentação clara e equilibrada, que permita compreender as possibilidades, as exigências e os riscos da prática. Pergunte o que seus alunos esperam encontrar, escute seus receios e esclareça as ideias que possam ter trazido antes de conhecer o esporte.

Então, seja claro e não tenha medo de que alguém desista ao compreender os perigos do parapente. Essa pessoa precisa ter condições de escolher se deseja assumir esse compromisso. Ninguém gosta de ficar sabendo das desvantagens e dos perigos depois que já gastou um bom dinheiro para aprender um esporte que não tinha compreendido direito.

As relações humanas entre instrutor e aluno

Imagine uma pessoa completamente diferente de você. Ela pode ter nascido em outra época, crescido em outro ambiente e vivido experiências muito distintas das suas. Sua escolaridade, seus conhecimentos e sua maneira de compreender o mundo também podem ser diferentes. Em algum momento, essa pessoa viu alguém voando, assistiu a um filme ou fez um voo duplo, talvez com você mesmo. Algo despertou seu interesse, e ela decidiu procurar uma escola para aprender a voar.

Então ela encontra seu contato, envia uma mensagem e vocês marcam uma primeira conversa. Antes mesmo desse encontro, seu possível futuro aluno já alimenta expectativas sobre o esporte, sobre o curso e sobre você. Ele imagina o que poderá viver e reconhece no instrutor alguém que pode ajudá-lo a chegar até lá.

Conhecer quem chega

Por mais diferentes que vocês sejam, o interesse pelo parapente oferece um primeiro ponto de aproximação. Aproveite esse encontro para descobrir o que atraiu aquela pessoa. Talvez seus motivos sejam parecidos com os que levaram você ao esporte; talvez sejam completamente diferentes. Pergunte, escute e procure conhecer seu aluno antes de concluir o que ele deseja.

Essa conversa permite compreender suas expectativas, esclarecer equívocos e apresentar as exigências do aprendizado. O aluno pode imaginar que começará a voar imediatamente, desconhecer a importância do treinamento de solo ou não ter considerado quanto tempo e disposição precisará dedicar ao curso. Cabe ao instrutor tornar esse caminho compreensível, mostrando os desafios e as possibilidades de progresso.

Construir uma linguagem comum

O instrutor precisa tornar-se um elo entre as complexidades do universo do voo livre e o universo do aluno. Para isso, deve encontrar uma linguagem que permita explicar o que sabe e compreender o que o outro está tentando comunicar. Essa aproximação exige atenção às palavras, aos exemplos e à maneira como cada pessoa aprende.

A comunicação acontece nos dois sentidos. Você explica e demonstra; o aluno pergunta, interpreta e experimenta. Depois, ambos precisam verificar o que foi compreendido. Uma resposta afirmativa à pergunta “Você entendeu?” pode expressar compreensão, mas também vergonha de admitir uma dúvida ou a impressão de que já deveria saber.

Peça ao aluno que descreva o que pretende fazer e observe como ele realiza a tarefa. Escute sua interpretação do resultado antes de apresentar a sua. Assim,

você poderá reconhecer tanto o que foi aprendido quanto aquilo que sua explicação ainda não conseguiu esclarecer.

Confiança e acolhimento

Ao procurar um instrutor, o aluno reconhece nele um conhecimento que ainda não possui. Essa confiança é uma oportunidade e uma responsabilidade. A maneira como você recebe perguntas, reage aos erros e lida com as dificuldades influencia o que ele se sentirá à vontade para mostrar durante o curso.

Um ambiente acolhedor permite que a pessoa diga que está com medo, que não compreendeu ou que está cansada.[2] Permite também que ela apresente seus desejos, reconheça seus limites e peça ajuda. Essas informações são importantes para que vocês possam organizar o aprendizado de maneira adequada.

Observe suas próprias reações. Uma ironia, uma comparação depreciativa ou uma demonstração de impaciência pode fazer o aluno esconder justamente a dificuldade que você precisa conhecer. Respeito e exigência podem caminhar juntos: seja claro sobre o que precisa melhorar e cuidadoso com a maneira de comunicar isso.

Conhecimento, autoridade e poder

Ser detentor de conhecimento é uma posição delicada. O conhecimento pode tornar-se sinônimo de poder, e algumas pessoas se sentem inclinadas a utilizar essa posição para exigir obediência e concentrar decisões. A admiração do aluno pode alimentar no instrutor a satisfação de ocupar o lugar de quem sempre sabe, sempre decide e nunca precisa ser questionado.

Quando essa postura se instala, o aluno pode aprender a seguir orientações sem desenvolver critérios suficientes para agir por conta própria. Ele consulta o instrutor a cada passo e passa a esperar uma indicação para situações que, gradualmente, deveria aprender a avaliar. O problema aparece quando a presença do instrutor substitui o desenvolvimento do julgamento do aluno.

A autoridade do instrutor tem uma função necessária. Cabe a ele estabelecer limites, avaliar a progressão e interromper atividades quando as condições exigirem. Essa responsabilidade deve ser exercida com clareza, explicando seus critérios e criando oportunidades para que o aluno desenvolva os recursos necessários à sua própria participação nas decisões.

Colaboração e autonomia

[2] Rogers destaca autenticidade, aceitação e compreensão empática como atitudes que favorecem a aprendizagem. Reconhecer a experiência do aluno sem depreciá-lo pode ajudá-lo a expressar dificuldades e permanecer envolvido na tarefa. Acolher seus sentimentos não dispensa a avaliação técnica nem os limites de segurança. Ver Liberdade para aprender, capítulo 4, “O relacionamento interpessoal na facilitação da aprendizagem”.

Ao adotar uma postura colaborativa, o instrutor convida o aluno a observar, interpretar e pensar sobre o que está fazendo. As condições do ambiente, o terreno, o equipamento e suas próprias habilidades passam a ser elementos que ele aprende a considerar, em vez de apenas aguardar uma decisão externa.

Uma pergunta pode ser uma boa oportunidade para esse trabalho. Antes de oferecer uma resposta, você pode investigar o que o aluno já compreendeu e ajudá-lo a construir uma explicação. Entretanto, ele precisa de informações para pensar. Quando faltar uma base de conhecimento, explique; quando houver espaço para investigar, pergunte; quando a segurança exigir uma orientação imediata, seja direto.

A autonomia se desenvolve gradualmente[3]. O aluno assume uma participação maior conforme demonstra compreensão, habilidade e capacidade de reconhecer seus limites. Pedir ajuda e aceitar uma interrupção também fazem parte dessa construção. A relação de confiança deve permitir que ele reconheça quando ainda precisa do apoio do instrutor.

Lidar com as dificuldades

Ao longo do treinamento, cada aluno encontrará dificuldades próprias. Algumas estarão relacionadas à coordenação motora ou à resistência física; outras, à compreensão dos procedimentos, ao medo ou à frustração diante de uma tarefa. Cabe ao instrutor observar essas diferenças com empatia, paciência e disposição para ajustar sua maneira de ensinar.

Procure compreender o que acontece antes de atribuir a dificuldade à falta de interesse ou de esforço. O aluno pode precisar de outra explicação, de uma demonstração mais clara, de um exercício mais simples ou de uma pausa. Uma conversa cuidadosa ajuda a identificar o que pode ser modificado e o que precisa ser respeitado naquele momento.

As questões de conduta também precisam ser tratadas com clareza. Desrespeitar um limite de segurança exige uma abordagem diferente de não conseguir executar um movimento. Apresente os acordos, explique suas razões e seja firme quando necessário, sem confundir dificuldade de aprendizagem com falta de responsabilidade.

Você não precisa interpretar a personalidade do aluno para ajudá-lo a aprender. Precisa conhecê-lo o suficiente para reconhecer seus recursos, suas dificuldades e os limites daquilo que pode oferecer como instrutor. É nessa relação, construída com atenção, sinceridade e responsabilidade, que o conhecimento pode ganhar sentido e transformar-se em capacidade de agir.

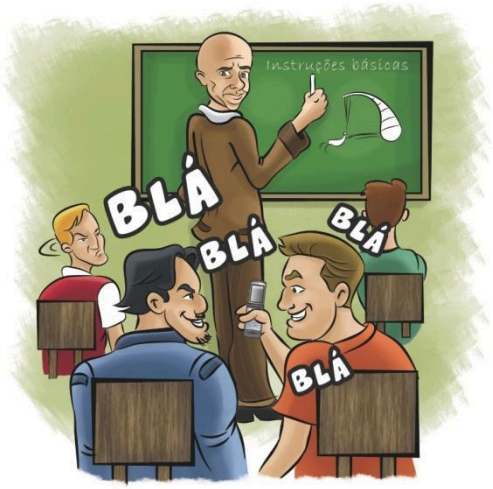
---

[3] Para Freire, a autonomia se constitui pelo exercício de decisões e pela responsabilidade que acompanha esse processo. Na formação em parapente, essa perspectiva orienta a participação progressiva do aluno, dentro de situações compatíveis com sua preparação e com a supervisão necessária. Ver Pedagogia da autonomia, seção 3.4, “Ensinar exige liberdade e autoridade”.

Aqui estamos, diante de nossas dificuldades

Num cenário ideal, nossa escola flui como uma máquina cuidadosamente engraxada. Os alunos chegam, envolvem-se com o treinamento, reconhecem seu progresso e ajudam a divulgar nosso trabalho. Os instrutores trabalham com disposição, a escola consegue sustentar suas atividades e todos contribuem para um esporte mais organizado. Podemos imaginar a escola de nossos sonhos:

- Treinamento de qualidade, com objetivos claros e progressão adequada a cada aluno.
- Alunos que compreendem e respeitam as etapas do aprendizado.
- Procedimentos de segurança incorporados à rotina, com atenção constante à prevenção de acidentes.
- Alunos que se ajudam mutuamente e participam das atividades.
- Instrutores preparados para ensinar, com formação técnica atualizada.
- Boa captação de alunos e compromissos financeiros cumpridos.
- Alunos satisfeitos, que recomendam a escola e seu trabalho.
- Bom relacionamento com outras escolas, clubes e associações.
- Viagens, cursos e atividades que dão continuidade à formação dos pilotos.



Porém, sabemos que não é exatamente assim que as coisas costumam acontecer. A escola dos sonhos encontra uma realidade que exige trabalho, ajustes e disposição para lidar com imprevistos. Vamos passar por algumas das dificuldades que gostam de dar um alô ao nosso dia a dia.

Saber voar bem e conhecer os fundamentos do esporte são capacidades essenciais, mas ensinar exige outras habilidades. Precisamos organizar o treinamento, explicar os procedimentos, reconhecer dificuldades e avaliar a evolução dos alunos. Uma execução que parece simples para nós pode ser bastante complicada para alguém que está tentando realizá-la pela primeira vez.

Às vezes, sentimos dificuldade em manter os alunos envolvidos com a metodologia. Alguns faltam, resistem a determinadas atividades ou abandonam o curso antes de concluir sua formação. Isso pode ser frustrante, especialmente quando acreditamos estar oferecendo um bom trabalho. Mas a evasão merece ser investigada: expectativas, disponibilidade, custos, dificuldades pessoais e a própria experiência das aulas podem influenciar essa decisão.

Também enfrentamos avaliações e críticas no meio do parapente. Podemos ser vistos como exploradores, mercenários ou irresponsáveis, mesmo quando levamos nosso trabalho a sério. Algumas críticas são injustas; outras podem revelar problemas que precisamos examinar. Explicar como a escola trabalha, tornar seus critérios claros e manter disposição para escutar ajuda a construir confiança e a identificar o que precisa melhorar.

Durante o treinamento, alguns alunos se mostram cansados e entediados, enquanto ficamos sem saber como despertar seu interesse. Parecem mais atraídos pelos equipamentos e seus dados técnicos do que pelas atividades propostas. O curso passa a ser visto como um obstáculo a transpor, em vez de uma fase que também pode oferecer descobertas, desafios e satisfação.

Nessa hora, vale perguntar: o aluno compreende o propósito do exercício? Consegue perceber o que está aprendendo? Há uma meta clara a perseguir? Seu interesse por equipamentos também pode ser aproveitado para discutir o comportamento do parapente e relacioná-lo ao que acontece na prática.

Às vezes, até nós mesmos olhamos para o trabalho com olhos desanimados. O cenário se repete, as mesmas dificuldades reaparecem e nossa disposição física e mental vai sendo consumida. Reconhecer esse desgaste é importante, porque a maneira como vivemos o treinamento também influencia a experiência dos alunos. Precisamos cuidar das condições de trabalho e encontrar possibilidades de aperfeiçoamento que façam sentido para nós.



Muitos instrutores chegam ao ensino a partir de sua experiência como pilotos, sem uma preparação pedagógica específica. Aos poucos, descobrem que demonstrar uma técnica e pedir ao aluno que a reproduza nem sempre é suficiente. Ensinar exige conhecimentos próprios, que podem ser estudados, praticados e aprimorados.

É possível, sim, tornar nosso trabalho mais interessante e satisfatório para nós e para nossos alunos. Objetivos claros, atividades variadas, oportunidades de participação e progresso reconhecível ajudam a dar sentido ao esforço. O treinamento continuará exigindo paciência, concentração e persistência, mas essas exigências podem fazer parte de uma experiência envolvente.

Quando o aluno reconhece suas conquistas e o instrutor compreende melhor como ajudá-lo, ambos encontram motivos para continuar. É a partir dessas dificuldades concretas que podemos revisar nossa prática e construir uma maneira de ensinar cada vez mais cuidadosa, eficiente e prazerosa.

Falando a língua dos alunos

O instrutor assumiu a responsabilidade de ajudar outras pessoas a compreender um universo que conhece pela experiência e pelo estudo. Para isso, precisa tornar-se um agente facilitador, um verdadeiro tradutor entre as complexidades do voo livre e o universo do aluno. Sua tarefa é selecionar e apresentar os conhecimentos necessários a cada etapa, ajudando o aluno a utilizá-los na prática.



Quando falo em linguagem comum, refiro-me a isso de fato: palavras, exemplos e explicações que façam sentido para quem está aprendendo. Um termo familiar para você pode não dizer absolutamente nada ao aluno. E repetir essa palavra mais alto ou várias vezes não irá, por si só, torná-la compreensível.

O vocabulário técnico deve ser introduzido gradualmente, associado àquilo que o aluno pode observar, experimentar e compreender. Ao apresentar uma parte do equipamento, mostre onde ela está e explique sua função. Ao nomear um fenômeno, relacione-o a uma situação concreta. Assim, o aluno aprende o termo junto com seu significado.

Alimentar a expectativa de que os alunos irão compreender uma linguagem desconhecida apenas porque desejam aprender a voar é exigir que a motivação resolva um problema de comunicação. O aprendizado já reúne muitas novidades. Cabe ao instrutor organizar essas informações para que o aluno consiga acompanhá-las, sem perder a precisão necessária.

Isso também exige conhecer quem está diante de você. Algumas pessoas compreendem melhor uma explicação verbal; outras precisam observar uma demonstração ou experimentar o movimento. Muitas vezes, será necessário

combinar esses recursos. Se uma explicação não funcionou, procure outra maneira de apresentar a ideia. Seu repertório como instrutor também se desenvolve nesse esforço.

Utilize exemplos próximos da experiência do aluno, mas verifique se a comparação realmente ajuda. Uma imagem pode tornar um assunto mais acessível e, ao mesmo tempo, criar uma interpretação equivocada. Explique o que ela permite compreender e, quando necessário, até onde a comparação vale.

Não se contente com uma resposta afirmativa à pergunta “Você entendeu?”. Peça ao aluno que conte, com suas próprias palavras, o que pretende fazer, demonstre o procedimento ou explique o que observou. Esse retorno permite reconhecer o que foi compreendido e quais pontos ainda precisam de atenção.

Escute a resposta com curiosidade. Se o aluno reproduz suas palavras, mas não consegue relacioná-las à tarefa, talvez tenha memorizado a explicação sem compreender seu sentido. Se apresenta uma interpretação diferente da sua, procure descobrir como chegou àquela conclusão. A dificuldade pode revelar algo que faltou na maneira como você explicou.

Ter conhecimento é essencial, mas precisamos escolher quanto oferecer e em qual momento. Uma explicação longa, cheia de detalhes que ainda não têm função para o aluno, pode dificultar a identificação do que ele precisa fazer. Apresente o necessário para aquela etapa e amplie a discussão conforme surjam perguntas e novas possibilidades de compreensão.

Também há momentos em que cabe falar menos e observar mais. Durante uma tentativa, orientações sucessivas podem disputar a atenção do aluno com a própria tarefa. Combine previamente o que será feito, acompanhe a execução e deixe a discussão para depois, quando isso for compatível com a segurança. Se houver necessidade de intervenção imediata, utilize uma orientação clara e direta.

Observe sua própria comunicação: as palavras que você escolheu fazem sentido para o aluno? Ele sabe a que deve prestar atenção? Sua explicação o ajudou a compreender ou apenas acrescentou informações? Você está dando espaço para que ele pergunte e apresente sua interpretação?

Falar a língua dos alunos exige disposição para aproximar o que você sabe daquilo que eles conseguem compreender naquele momento. Quando essa aproximação acontece, o conhecimento ganha utilidade: o aluno passa a reconhecer situações, explicar suas escolhas e agir com critérios que está aprendendo a construir.

Seu esporte não se resume a você

Robbie Whittall dizia: "Parapente é esperar, esperar e esperar". Com esta frase ele deixava claro para qualquer um que a ansiedade é um dos mais perigosos defeitos que um piloto pode ter. Uma enorme parcela de acidentes aconteceu motivada por falta de capacidade de controlar a ansiedade. Mostre para seus alunos como isso é importante e o quanto eles serão cobrados pela necessidade de ter paciência em nosso esporte.

Claro, você tem bastante habilidade, acha fácil inflar, controlar e enrolar térmicas. Quem sabe também se dedica à acrobacia e realiza manobras que deixam os outros pilotos impressionados. Não é assim? Desculpe, talvez suas preferências sejam outras. Talvez você goste de um lift de final de tarde e não tenha interesse em percorrer grandes distâncias. Pode ser um competidor de primeira linha ou alguém que não vê graça alguma nas competições.

Todas essas possibilidades fazem parte do esporte. A preferência por um voo tranquilo não revela, por si só, falta de habilidade ou medo, assim como o interesse por desafios maiores não demonstra necessariamente melhor julgamento. Cada piloto constrói uma relação própria com o parapente, com seus desejos, suas experiências e seus limites.

Você também tem uma percepção dos riscos. Pode sentir-se bastante confiante em situações que assustam outros pilotos ou ficar apreensivo diante de condições que eles consideram habituais. Esses sentimentos merecem atenção, mas precisam ser confrontados com a avaliação da situação. A confiança não torna uma condição adequada, e o medo, sozinho, não explica o que está acontecendo.

Quando você ensina, suas preferências aparecem. Estão nos exemplos que escolhe, nas histórias que conta, nas conquistas que elogia e nas atividades que deixa de apresentar. Seu entusiasmo dá vida ao curso, mas pode fazer o aluno acreditar que existe uma única maneira de ser um bom piloto: a sua.

Observe isso com cuidado. Você consegue valorizar um projeto diferente do seu? Consegue orientar alguém interessado em competições mesmo sem gostar delas? Respeita o aluno que deseja permanecer nos voos locais, sem tratá-lo como alguém que deixou de evoluir? Reconhece quando uma recomendação está baseada numa avaliação técnica e quando expressa uma preferência pessoal?

Você não precisa dominar todas as modalidades nem oferecer uma formação que ultrapasse sua competência. Precisa reconhecer o alcance do seu trabalho, apresentar as possibilidades com honestidade e, quando necessário, indicar uma formação específica com alguém preparado para oferecê-la.

Seu aluno pode encontrar no parapente algo diferente daquilo que você encontrou. Cabe a você ajudá-lo a desenvolver conhecimentos, habilidades e critérios para

construir esse caminho com responsabilidade. O esporte é amplo o suficiente para acolher projetos distintos, e sua escola pode ser o lugar onde o aluno começa a descobrir o próprio.

A missão do instrutor

Aprendizado técnico

Ensinar nossos alunos a voar com qualidade e responsabilidade é um compromisso que assumimos quando oferecemos um curso. “Aprenda a voar!”, dizem os folders e cartazes. Essa promessa exige um trabalho organizado para desenvolver as habilidades e os conhecimentos necessários à prática, dentro dos limites da formação e com atenção aos riscos envolvidos.

Adotar uma metodologia voltada ao aprendizado motor é parte desse trabalho. O método oferece um caminho com objetivos definidos, exercícios progressivos e critérios para avaliar o que foi aprendido. Cabe ao instrutor acompanhar a evolução de cada aluno e ajustar o treinamento, reconhecendo que as pessoas encontram dificuldades diferentes e não avançam todas no mesmo ritmo.

Estamos diante de uma tarefa particular: ensinar movimentos e formas de controle que podem ser pouco familiares para quem chega à escola. A velha brincadeira de empinar uma pipa ajuda a imaginar alguns aspectos do contato com uma asa por meio das linhas, mas o parapente acrescenta outras exigências. O aluno precisa aprender a inflar, controlar, decolar, conduzir sua trajetória, realizar a aproximação e pousar, coordenando suas ações com aquilo que percebe no equipamento e no ambiente.

Experiências anteriores podem ajudar. Equilíbrio, coordenação e percepção espacial são recursos que o aluno traz de outras atividades, mas precisam ser adaptados às exigências do voo. Além de aprender cada habilidade, ele terá de combiná-las e utilizá-las nas situações para as quais estiver sendo preparado.

O deslocamento em voo também exige aprender a avaliar altura, distância e trajetória em relação ao terreno e ao movimento do ar. Esse aprendizado precisa ser construído gradualmente, com atividades que permitam compreender e experimentar cada nova exigência. Discutiremos essa organização em mais detalhes adiante.

Por ora, leve em conta que um método claro e o acompanhamento atento do instrutor permitem reconhecer o que o aluno já domina, o que ainda precisa praticar e quando pode avançar. É assim que a proposta de ensinar a voar ganha um caminho concreto, com critérios que orientam tanto o trabalho do instrutor quanto o esforço de quem aprende.

Crescimento da escola

A escola também é uma empresa e precisa de recursos para manter suas atividades, remunerar quem trabalha nela e investir na qualidade do ensino. Pensar em seu crescimento faz parte da missão do instrutor. Mais alunos, venda de equipamentos, cursos e atividades complementares podem contribuir para isso, desde que a escola tenha condições de atender bem aquilo que oferece.

A fórmula parece simples, mas sua elaboração é complexa. Desejar o crescimento é um começo; transformar esse desejo em resultados exige definir metas, organizar esforços e acompanhar o que acontece. Pergunte a si mesmo: o que significa crescer para minha escola? Receber mais alunos? Melhorar a estrutura? Formar uma equipe? Conseguir maior estabilidade financeira? Cada objetivo pede um planejamento próprio.

Pensar como empresa tem a ver com vislumbrar o amanhã e planejar ações de curto, médio e longo prazo. É conhecer custos e receitas, cuidar dos equipamentos, organizar o atendimento e avaliar a capacidade de trabalho. A quantidade de alunos precisa acompanhar as condições de ensinar e supervisionar com qualidade. Crescer além dessa capacidade pode comprometer justamente o trabalho que sustenta a escola.

Também é preciso olhar além de nossa atuação individual. Quem concentra todas as tarefas e decisões pode tornar a escola inteiramente dependente de sua presença. Escutar colaboradores, definir responsabilidades e estabelecer procedimentos compartilhados ajuda a construir uma organização capaz de dar continuidade ao trabalho.

O crescimento da escola passa pelas relações que ela cultiva com alunos, equipe, outros profissionais e locais de prática. Um ensino cuidadoso, acordos claros e atendimento responsável favorecem a confiança e a recomendação do trabalho. Quando houver venda de equipamentos, a orientação deve considerar as necessidades e a preparação do aluno; a oportunidade comercial também exige responsabilidade.

Tenha em mente que uma escola pode crescer em qualidade, organização e estabilidade antes de crescer em tamanho. O planejamento deve permitir que ela sustente seus compromissos, melhore suas condições de trabalho e continue oferecendo uma formação da qual você possa se orgulhar.

Cultura desportiva e desenvolvimento do esporte

Quando o parapente se torna mais conhecido e respeitado, surgem oportunidades para novos praticantes e para as escolas. Mas o desenvolvimento do esporte vai além do número de pessoas que desejam aprender a voar. Envolve também a qualidade da formação, a convivência entre pilotos, o cuidado com os locais de prática e a confiança de quem compartilha esses espaços conosco.

Mais uma fórmula simples, com uma elaboração complexa. Como contribuir para tudo isso se já estamos ocupados com tantos detalhes do dia a dia de nossos alunos? Uma parte importante da resposta está justamente nesse cotidiano. A maneira como ensinamos, tratamos as pessoas e conduzimos as atividades ajuda a construir a cultura que acompanhará nossos alunos depois do curso.

Formar um piloto também significa prepará-lo para participar de uma comunidade. Ele irá compartilhar rampas e espaços de voo, relacionar-se com outros praticantes e tomar decisões que podem afetar outras pessoas. Por isso, a formação precisa incluir respeito, colaboração e compreensão das responsabilidades envolvidas nessa convivência.

Essa cultura aparece em atitudes concretas: cuidar do ambiente, respeitar as regras de uso dos locais, considerar os proprietários e as comunidades que nos recebem, colaborar com outros pilotos e não pressionar alguém a voar. Aparece também quando reconhecemos nossos limites, comunicamos um problema e aceitamos rever uma decisão.

Cabe ao instrutor explicar os motivos dessas atitudes e demonstrá-las em sua própria prática. O aluno observa como você trata um iniciante, reage a uma crítica ou se comporta diante de uma condição inadequada. Aquilo que você faz dá consistência ao que ensina e pode tornar-se uma referência para a maneira como ele irá participar do esporte.

Cada praticante terá sua forma de contribuir. Alguns participarão de clubes e associações, outros ajudarão na manutenção dos locais ou na organização de atividades. Muitos contribuirão por meio de uma presença respeitosa e responsável. A escola pode apresentar essas possibilidades e incentivar o envolvimento, sem exigir que todos assumam o mesmo papel.

O esporte poderia ser comparado a uma laranjeira que precisa ser cuidada, adubada e regada para continuar dando bons frutos. Se enxergamos apenas a laranja que podemos espremer hoje, deixamos de cuidar da árvore que permitirá novas colheitas. A escola também depende dessa continuidade: locais preservados, relações de confiança e condições para que novas pessoas possam aprender e praticar.

A construção de uma cultura desportiva acontece gradualmente. Em cada palavra, ensinamento, orientação e atitude, o instrutor pode cultivar algo que vai além da

execução de uma tarefa. Pode ajudar o aluno a compreender que seu prazer de voar depende também de cuidados e relações que precisam ser preservados.

É assim que a atuação do professor e da escola se amplia. Ao ensinar alguém a voar, participamos da formação de um futuro integrante do esporte. Temos a oportunidade de ajudá-lo a encontrar um caminho próprio e, ao mesmo tempo, a cuidar do universo que tornou esse caminho possível.

Apresentação do curso e preparação das atividades



A divulgação traz o aluno até a escola; a apresentação do curso permite que ele compreenda o que encontrará ali. Não vamos discutir técnicas de marketing neste momento, mas vale lembrar um princípio: seja transparente. Apresente as possibilidades do esporte junto às exigências do aprendizado, sem prometer facilidade ou segurança absoluta.

Antes de iniciar as atividades, explique como o curso funciona: suas etapas, os critérios de progressão, a frequência esperada, os custos e o que está incluído. Esclareça também como serão tratados faltas, interrupções por condições inadequadas, remarcações e desistências. Quanto mais claros forem os acordos, menores serão as chances de expectativas frustradas.

O aluno deve saber quem irá acompanhá-lo e como entrar em contato com a escola. Procure conhecer suas experiências anteriores, sua disponibilidade e eventuais limitações relevantes para o treinamento. Essas informações ajudam a preparar as atividades e podem indicar a necessidade de adaptações ou de uma avaliação profissional antes de começar.

O que o aluno deve levar

Envie antecipadamente uma orientação simples sobre os itens pessoais necessários. Considere a duração das atividades, o terreno e as condições previstas:

- Água em quantidade adequada e alimentos para os intervalos.
- Protetor solar e proteção para o período de descanso, como boné ou chapéu.
- Roupas que permitam os movimentos e ofereçam proteção compatível com o local.
- Calçado fechado, firme nos pés e adequado ao terreno.
- Agasalho ou proteção adicional, conforme o clima.
- Óculos, quando necessários, compatíveis com o capacete e a atividade.
- Medicamentos de uso pessoal e informações relevantes para situações de emergência.

Uma velha calça jeans pode servir em algumas situações, mas observe se permite os movimentos necessários. O aluno precisa chegar preparado para caminhar, correr, agachar e passar algum tempo ao ar livre. Explique essas exigências antes da primeira aula.

Equipamentos de treinamento

A escola deve informar quais equipamentos serão fornecidos e quais verificações serão feitas antes de seu uso. Parapente, selete e capacete precisam ser adequados à instrução e ao aluno. Os demais componentes de segurança devem corresponder à atividade prevista, incluindo o paraquedas de emergência quando aplicável.

A seleção do equipamento exige considerar as orientações do fabricante, sua classificação, dimensões, faixa de peso, ajustes e estado de conservação. A classificação, sozinha, não resolve essa escolha. Também é necessário verificar a compatibilidade entre os componentes e as condições em que serão utilizados.

Mantenha registros de uso, inspeção e manutenção. Quando houver dúvida sobre a condição de um equipamento, retire-o de uso até que seja avaliado. Uma escola precisa conhecer os recursos com que ensina e reconhecer quando eles já não atendem às exigências do treinamento.

Equipamentos diferentes podem exigir procedimentos e ajustes específicos. Conheça essas diferenças antes de colocá-los nas mãos dos alunos. Uma frota mais uniforme pode facilitar a organização, mas cada conjunto continua exigindo sua própria verificação.

Planeje a manutenção e a renovação da frota conforme seu estado, sua adequação e os recursos da escola. Caso ofereça um equipamento usado a um aluno, apresente seu histórico, suas condições e os limites das informações disponíveis. A oportunidade de venda deve acompanhar uma avaliação responsável da adequação daquele equipamento ao comprador.

Recursos para explicar

Prepare um pequeno quadro branco e canetas apropriadas. Um modelo de cerca de 30 × 40 cm pode ser útil, desde que o grupo consiga enxergar seus desenhos. Ele permitirá representar rapidamente uma trajetória, o movimento do ar ou uma mudança de posição do velame durante a discussão de um exercício.

Aliás, será que você consegue fazer desenhos simples para explicar sustentação, arrasto, inércia e movimentos pendulares? Vale ensaiar antes. Você não precisa ser um artista, mas precisa produzir uma imagem que ajude o aluno a compreender o assunto.

Uma miniatura de parapente, de preferência com alguma flexibilidade na asa, também pode ajudar. Até um chapéu com alça pode representar determinados

movimentos. Use sua criatividade, explicando o que o modelo permite visualizar e quais aspectos ele não reproduz.

Providencie material de acompanhamento com os objetivos e as orientações dos exercícios, além de espaço para anotações. O aluno poderá utilizá-lo para retomar o que foi discutido e registrar dúvidas e percepções. Você também precisa de uma forma organizada de acompanhar sua evolução.

Organização do espaço

Bandeirolas, cones e marcações no chão ajudam a criar trajetos, áreas de controle e metas visíveis. Podem dar identidade aos exercícios e facilitar a avaliação. Escolha materiais que não introduzam riscos de tropeço, enrosco ou interferência nas linhas e mantenha distância adequada entre as atividades.

Áreas delimitadas permitem trabalhar precisão de deslocamento e controle. Entretanto, o desempenho num exercício de solo não basta para demonstrar preparo para uma decolagem em espaço restrito. Cada situação real exige sua própria avaliação.

Antes da aula, examine o terreno, os obstáculos, o entorno e as condições de acesso. Defina onde acontecerão os exercícios, onde os alunos poderão preparar o equipamento e onde ficarão aqueles que aguardam sua vez. Afinal, se o voo é livre, podemos ao menos evitar os acotovelamentos no treinamento, não é?

Condições de trabalho e apoio

Providencie sombra, água e um local adequado para os intervalos. Uma barraca ou cobertura pode ajudar, desde que sua instalação e posição sejam compatíveis com o vento e com a área de atividade. Organize pausas e observe os sinais de cansaço; a disposição do aluno também faz parte das condições de treinamento.

Planeje o tamanho do grupo de acordo com a equipe, o espaço e a necessidade de supervisão. Verifique os meios de comunicação utilizados e estabeleça procedimentos claros para iniciar, interromper e encerrar as atividades.

A escola também precisa de um plano de resposta a emergências. Defina responsabilidades, tenha meios de acionar ajuda e conheça os acessos e a localização do treinamento. Mantenha material de primeiros socorros adequado e pessoas preparadas para utilizá-lo dentro de sua capacitação. Essas providências precisam estar organizadas antes de qualquer ocorrência.

Receber os acompanhantes

Familiares e amigos podem fazer parte da experiência do aluno. Receba-os com atenção e explique como poderão acompanhar o treinamento. Indique locais de permanência e esclareça por que precisam manter distância dos equipamentos e das áreas de execução.

É possível acolher sem transformar a aula num evento que distraia quem está aprendendo. Uma conversa inicial ajuda os acompanhantes a compreender o trabalho da escola e a respeitar os momentos que exigem concentração. Essa equipe de apoio pode contribuir bastante quando entende o que está acontecendo.

Preparar para ensinar

Antes de sair para a aula, confira equipamentos, materiais, equipe e condições previstas. Saiba quais atividades pretende propor, o que precisa observar e quais situações exigirão mudança de plano ou interrupção.

Parte importante da qualidade da aula é construída antes que o primeiro velame seja aberto. Quando essa preparação está bem cuidada, você encontra melhores condições para dedicar atenção ao que realmente acontece com seus alunos.

O Primeiro encontro

O primeiro encontro deve ser uma conversa descontraída, mas com objetivos claros. Aproveite a oportunidade para começar a conhecer seus alunos: pergunte sobre suas atividades, o que lhes dá prazer e os motivos que os levaram a procurar o parapente. Escute suas expectativas e seus receios. Essa conversa ajudará você a apresentar o curso e a compreender quem está chegando.

Algumas pessoas procuram a escola por iniciativa própria; outras chegam acompanhando amigos ou parceiros. Essa influência pode ser o início de um interesse pessoal, mas também pode criar constrangimento para admitir medo ou falta de vontade. Dê espaço para que cada pessoa expresse o que deseja, sem precisar corresponder às expectativas dos outros.

Sobre o universo de possibilidades

Apresente as diferentes possibilidades do esporte, desde o prazer de um voo local no final de uma linda tarde até os desafios dos voos de distância, das competições e da acrobacia. Fale também do voo bivaque, que combina deslocamentos a pé e em voo com pernoites ao longo do percurso. Cada modalidade tem suas exigências e pode despertar interesses diferentes.

Fale sobre o contato com a natureza, o encontro com outras culturas e a possibilidade de observar o mundo de um ângulo inédito. Apresente o aprendizado necessário para compreender os movimentos do ar e pilotar nossa fantástica máquina invertebrada. Compartilhe sua experiência, mas pergunte também: o que, nesse universo, mais atrai seus alunos?

Apresente brevemente a trajetória do esporte e sua organização em grupos, clubes e associações. Fale sobre convivência, cuidado com os locais e colaboração entre pilotos. Explique que também existem diferenças de opinião e pressões por equipamentos ou conquistas, diante das quais cada praticante precisa aprender a reconhecer seus objetivos e limites.

Fale sobre desafios e riscos com a mesma honestidade com que apresenta as possibilidades. Você pode transmitir seu amor e sua paixão pelo parapente sem esconder as exigências que ele traz. O entusiasmo dá vida à conversa; a liberdade para perguntar, hesitar e escolher permite que o aluno encontre seu próprio lugar nela.

Sobre a frequência

Explique por que a regularidade ajuda a dar continuidade ao aprendizado. O aluno precisa de oportunidades para retomar movimentos, consolidar habilidades e relacionar uma experiência à seguinte. Combine uma frequência compatível com a proposta do curso, a disponibilidade dos participantes e as condições de treinamento.

Na organização que utilizei na Ventomania, procurávamos manter encontros frequentes, especialmente durante o aprendizado motor inicial.[4] Essa continuidade facilitava o acompanhamento e as retomadas. Apresente sua recomendação aos alunos e esclareça como serão tratados afastamentos e interrupções.

Depois de uma pausa, avalie o que precisa ser revisto antes de avançar. A retomada deve considerar o desempenho observado, sem presumir que tudo foi perdido ou que o aluno pode continuar exatamente de onde parou. Explique esse procedimento desde o início, para que a revisão seja compreendida como parte da formação.

Sobre o foco do aprendizado

O aluno chega querendo voar. Cabe ao instrutor explicar como o treinamento o prepara para isso. Na experiência que deu origem a este método, procurei deslocar parte importante da atenção para o controle de solo, trabalhando habilidades que precisavam ser desenvolvidas antes dos primeiros voos.

Inflar, estabilizar e controlar o parapente, perceber suas respostas e coordenar os próprios movimentos são tarefas que exigem prática. Os exercícios de solo permitem organizar esse aprendizado em objetivos intermediários, com desafios definidos e oportunidades de reconhecer o progresso.

Apresente essa lógica aos alunos. Cada exercício tem uma finalidade, critérios de execução e uma relação com as etapas seguintes. Eles serão convidados a compreender a proposta, praticá-la e discutir o resultado. Assim, o treinamento ganha sentido antes mesmo do primeiro voo.

O controle de solo ocupa um lugar central neste método, mas decolagem, voo, aproximação e pouso também precisam de preparação e avaliação próprias. Dominar uma atividade não demonstra automaticamente preparo para todas as outras. O instrutor deve verificar como as habilidades se integram e quais exigências ainda precisam ser trabalhadas.

Quando houver pequenos voos em terreno de treinamento, sua realização deve depender da preparação demonstrada, das características do local e das condições disponíveis. O cansaço e a qualidade da execução precisam ser considerados a cada tentativa. Na Ventomania, esses voos também podiam marcar uma celebração do progresso, dentro dos limites estabelecidos para a atividade.[5]

---

[4] Na Ventomania, minha recomendação era evitar intervalos superiores a uma semana durante a fase inicial do aprendizado motor. Essa orientação fazia parte da organização do nosso treinamento e procurava favorecer a continuidade entre as aulas. Não representa um prazo universal após o qual o aprendizado se perde; interrupções exigem uma avaliação individual na retomada.

[5] Na Ventomania, eu costumava limitar os pequenos voos no morrinho, ao final do treinamento, a duas tentativas. Essa escolha estava relacionada ao esforço acumulado nos exercícios e nas subidas, bem como ao entusiasmo que podia levar o aluno a querer continuar apesar do cansaço. Na época, eu os apresentava como uma espécie de “prêmio”. Ao rever essa experiência, considero mais adequado falar em celebração do progresso, cuja realização depende da preparação do aluno e das

Sobre a progressão

O aluno deve sair do primeiro encontro compreendendo como seu aprendizado será acompanhado. Explique o que será observado, como receberá orientações e quais critérios permitirão avançar. Deixe claro que o primeiro voo depende da preparação e das condições adequadas, e que sua data pode precisar ser revista.

Convide seus alunos a participar desse processo. Pergunte se compreenderam os objetivos, o que esperam das aulas e quais dificuldades imaginam encontrar. Essa conversa inicia um trabalho que continuará durante o curso: observar, experimentar, avaliar e construir responsabilidade pelas próprias ações.

Sobre voo duplo na instrução:

O voo duplo pode ser um recurso muito interessante na formação dos alunos. Ele oferece a oportunidade de conhecer sensações do voo, observar procedimentos e conversar com o instrutor durante a experiência. Seu aproveitamento depende dos objetivos da atividade e de como ela se integra às demais etapas do curso.

Acompanhado pelo instrutor, o aluno pode começar a relacionar altura, distância e trajetória, observar o planeio e acompanhar o planejamento da aproximação e do pouso. As explicações ganham uma referência concreta: aquilo que foi discutido em terra passa a ser observado durante o voo.

Entretanto, observar uma tarefa, participar de sua execução e realizá-la sozinho são experiências diferentes. Ao planejar a atividade, deixe claro o que o aluno irá observar, como poderá participar e quais responsabilidades permanecerão com o instrutor. A participação deve ser compatível com sua preparação, com o equipamento e com as condições do voo.

A proximidade também favorece a comunicação. Você pode perguntar o que o aluno está percebendo e reconhecer sinais de desconforto que merecem atenção. Mas não presuma que o silêncio significa tranquilidade. Combine previamente como vocês irão se comunicar e dê espaço para que ele diga que está com medo, não compreendeu uma orientação ou deseja encerrar a experiência.

Para alguns alunos, o voo duplo ajuda a esclarecer receios e a conhecer melhor o esporte. Outros podem descobrir sensações difíceis ou sentir-se mais apreensivos do que esperavam. Procure escutar o que aconteceu, sem exigir que a experiência produza confiança ou entusiasmo. Esse retorno também ajuda a orientar o treinamento.

---

condições de segurança. O limite de duas tentativas descreve uma prática daquele contexto, não uma regra geral para outros locais ou métodos.

Na metodologia que desenvolvi na Ventomania, utilizei o voo duplo como complemento à formação.[6] Ele permitia trabalhar aspectos da experiência em voo, enquanto as habilidades de controle de solo recebiam atenção específica nos exercícios.

Essa distinção é importante. No duplo, a configuração do conjunto, a distribuição das tarefas e a participação do instrutor alteram a experiência em relação ao voo solo. A decolagem acompanhada, por exemplo, não demonstra que o aluno consegue preparar, inflar e controlar seu próprio equipamento para decolar sozinho. Essas competências precisam ser aprendidas e avaliadas nas atividades correspondentes.

Da mesma forma, um bom desempenho no solo não demonstra, por si só, preparo para conduzir a trajetória, realizar a aproximação e pousar. Cada etapa exige atenção própria, e cabe ao instrutor verificar como o aluno integra as habilidades e os conhecimentos adquiridos.

Antes de incluir um voo duplo no treinamento, pergunte a si mesmo: o que pretendo ensinar nesta atividade? Como meu aluno participará? O que iremos discutir depois? Quais tarefas ainda precisarão ser praticadas e avaliadas em outras situações?

Depois do voo, retome essas perguntas com o aluno. Escute o que ele percebeu, esclareça suas interpretações e relacione a experiência aos próximos objetivos do curso. É esse trabalho que transforma uma oportunidade de voar acompanhado numa atividade de aprendizagem.

Pensar, agir e sentir no aprendizado

Antes de pensarmos em alunos, precisamos pensar em seres humanos. Quem chega à escola traz conhecimentos, experiências, expectativas e receios. Durante o treinamento, essa pessoa procura compreender uma tarefa, experimenta movimentos e percebe o que acontece consigo e com o equipamento.

Para organizar minha atenção a esses aspectos, adotei três verbos como referência: PENSAR, AGIR e SENTIR. Essa proposta recebeu influência de uma ideia presente na tradição antroposófica e na pedagogia Waldorf, que adaptei às necessidades do

[6] Na Ventomania, utilizei o voo duplo durante muitos anos como recurso complementar, especialmente para trabalhar a percepção do planeio, o distanciamento do relevo e a compreensão da aproximação e do pouso. Essa escolha fazia parte de um método centrado no desenvolvimento progressivo das habilidades de solo e em sua integração às etapas de voo. O relato descreve a organização daquele treinamento, sem estabelecer que todas as escolas devam adotar a mesma combinação de recursos.

ensino de parapente.[1] Aqui, os três verbos funcionam como um recurso didático para planejar atividades, observar dificuldades e conversar sobre a aprendizagem.

São três maneiras de olhar para uma mesma experiência. Quando o aluno executa um movimento, também utiliza aquilo que compreendeu e recebe informações sobre o resultado de sua ação. Pode sentir a pressão nos comandos, perceber uma mudança no equilíbrio e ficar apreensivo diante de uma dificuldade. Esses acontecimentos se relacionam e oferecem material para o trabalho do instrutor.

Pensar

O pensar envolve compreender o objetivo da tarefa, reconhecer as condições em que ela será realizada e relacionar ações a resultados. O aluno precisa saber o que procura fazer, por que o exercício foi proposto e a que deve prestar atenção.

Depois da tentativa, pensar também significa investigar o que aconteceu. O que funcionou? Onde surgiu a dificuldade? Qual mudança vale experimentar? Cabe ao instrutor ajudar o aluno a construir essas relações, oferecendo explicações e perguntas compatíveis com seus conhecimentos.

Agir

O agir corresponde à execução da tarefa: organizar a postura, coordenar movimentos e realizar os ajustes necessários. A explicação encontra aqui uma exigência concreta. Compreender verbalmente um procedimento não significa conseguir executá-lo; é preciso praticar e observar como o corpo responde.

O instrutor demonstra, acompanha e organiza oportunidades de repetição. Cada tentativa deve ter um foco compreensível, para que o aluno saiba o que procura aprimorar. Quando a dificuldade é grande, pode ser necessário simplificar a atividade antes de combinar novamente suas partes.

Sentir

Neste método, utilizo “sentir” para incluir tanto as sensações corporais quanto as experiências emocionais. É importante reconhecer a diferença entre elas. Sentir a tensão de um tirante oferece uma informação sobre o contato com o equipamento; sentir medo ou vergonha revela algo sobre como a pessoa está vivendo aquela situação.

A força do vento no rosto, a pressão nos comandos, o contato dos pés com o terreno e as mudanças no equilíbrio podem ajudar o aluno a perceber o que acontece durante o exercício. Essas informações precisam ser reconhecidas e relacionadas às ações e aos resultados observados.

As emoções também merecem atenção. O entusiasmo pode aumentar a disposição para tentar; o medo pode tornar uma dificuldade mais intensa; o olhar dos colegas

pode despertar constrangimento. Converse sobre essas experiências sem presumir o que o aluno sente e sem exigir que ele corresponda a uma reação esperada.

Uma experiência, três focos de atenção

Tomemos a inflada como exemplo. O aluno precisa compreender o objetivo do exercício e as condições em que irá realizá-lo. Precisa executar os movimentos da técnica proposta e perceber como o equipamento responde. Também pode observar seu próprio estado: estava concentrado? Apressado? Receoso? O que chamou sua atenção?

Depois da tentativa, essas informações podem ser reunidas. O aluno descreve o que procurou fazer, o que fez e o que percebeu. O instrutor acrescenta sua observação e ajuda a identificar o foco da próxima tentativa. Assim, compreensão, execução e percepção contribuem para orientar o aprendizado.



Talvez você discorde dessa organização. Ótimo: examine o que ela permite enxergar e o que deixa de fora. A proposta deve ajudar você a observar e ensinar; sua utilidade precisa ser avaliada no trabalho com os alunos.

Pense nisso ao preparar uma atividade: meu aluno compreende o que pretende fazer? Tem condições de executar a tarefa? Sabe a que prestar atenção? Depois, consegue relacionar sua ação ao resultado?

Essas perguntas ajudam a localizar a dificuldade. Às vezes, falta uma explicação; em outras, é necessária mais prática ou uma tarefa mais simples. Pode também haver uma sensação que o aluno ainda não sabe interpretar ou um receio que precisa ser escutado. Olhar para o pensar, o agir e o sentir amplia as possibilidades de compreender o que está acontecendo e escolher como continuar.

O trinômio: piloto, condição e equipamento

Pegando carona na organização anterior, podemos apresentar outra referência para ajudar nossos alunos a compreender a nova aventura: piloto, condição e equipamento. Enquanto pensar, agir e sentir orientam nossa atenção ao aprendizado, esse trinômio ajuda a organizar a observação das situações de prática e os critérios para decidir.

O universo do voo reúne muitas variáveis. Para facilitar seu estudo, podemos agrupá-las em microuniversos: conjuntos de elementos relacionados que recebem

atenção específica. Primeiro, examinamos cada conjunto; depois, procuramos compreender como eles se relacionam na situação que estamos avaliando.

Se compararmos com a mecânica de uma motocicleta, podemos estudar separadamente o motor, a suspensão, a parte elétrica e a estrutura. Essa divisão ajuda a organizar o conhecimento, mas compreender a motocicleta exige também reconhecer como seus sistemas trabalham juntos. No parapente, a mesma atenção às relações será necessária.

Piloto

Ao olhar para o piloto, consideramos sua preparação técnica, sua experiência e as condições em que ele se encontra naquele momento. O que já aprendeu? Quais tarefas consegue realizar? Que dificuldades ainda exigem acompanhamento? A experiência que possui corresponde à atividade pretendida?

Também precisamos considerar cansaço, atenção, estado emocional e disposição física. Uma habilidade demonstrada em outra ocasião não garante o mesmo desempenho hoje. Incentive o aluno a perceber essas mudanças e a comunicá-las, sem tratar o reconhecimento de uma limitação como sinal de fraqueza.

Condição

Ao observar a condição, consideramos o vento e suas variações, o terreno, os obstáculos, as áreas disponíveis para a atividade e a presença de outros praticantes. A observação precisa incluir o entorno e aquilo que pode mudar durante o treinamento ou o voo.

O aluno deve aprender a relacionar esses elementos ao que pretende fazer. A pergunta “Está bom para voar?” precisa ganhar contexto: está adequado para quem, com qual preparação e para qual atividade? A presença de outros pilotos voando é uma informação a considerar, mas não decide, por si só, o que é apropriado para aquele aluno.

Equipamento

Ao examinar o equipamento, consideramos sua adequação ao piloto e à atividade, seu estado de conservação, sua configuração e os ajustes necessários. As verificações precisam seguir os procedimentos pertinentes ao conjunto utilizado.

Ajude o aluno a compreender o que está verificando e por quê. Conhecer os nomes das peças pode ser útil, mas é preciso reconhecer sua função, identificar dúvidas e saber quando interromper a preparação para pedir ajuda. Um equipamento que desperta suspeita precisa ser avaliado antes de continuar a atividade.

Reunir as informações

Esses três campos podem ser estudados separadamente, mas precisam ser relacionados na decisão. Uma condição aparentemente favorável pode ultrapassar a preparação do piloto. Um equipamento em boas condições pode não ser adequado a ele. O cansaço pode alterar sua capacidade de lidar com uma tarefa que normalmente executa bem.

Por isso, a pergunta que reúne o trinômio é: este piloto, com este equipamento, está preparado para esta atividade, nestas condições? Peça ao aluno que explique os critérios de sua avaliação. Escute o que observou, identifique o que deixou de considerar e ajude-o a reconhecer as relações entre os elementos.

A avaliação também precisa ser retomada quando algo muda[7]. Uma alteração do vento, um sinal de cansaço ou uma dúvida sobre o equipamento pode exigir pausa, mudança de plano ou encerramento. Uma decisão inicial favorável não dispensa a atenção ao que acontece depois.

Utilize o trinômio para organizar perguntas, explicações e discussões com seus alunos. Ele pode ajudar a lembrar campos importantes de observação, mas precisa ser associado aos procedimentos específicos de cada atividade. Seu valor está em ajudar o aluno a compreender o que observa e a utilizar essas informações para construir decisões responsáveis.

Sobre os exercícios: conceitos fundamentais

Os exercícios deste método procuram desenvolver compreensão, habilidade e responsabilidade. O aluno precisa saber o que está tentando realizar, experimentar a tarefa e avaliar o resultado. Cabe ao instrutor organizar esse percurso, oferecer apoio e verificar o que foi aprendido.

Você está criando um caminho para a compreensão dos porquês do parapente. Não consegue percorrê-lo pelo aluno, mas pode ajudá-lo a encontrar os recursos necessários para avançar. A participação de quem aprende e o trabalho de quem ensina precisam caminhar juntos.

Participação e responsabilidade

A responsabilização ocupa um lugar central nesta proposta. Ela se desenvolve quando o aluno compreende a atividade, adquire recursos para executá-la e aprende a reconhecer os limites de sua atuação. Saber explicar um procedimento é

[7] Schmidt e Lee classificam as habilidades ao longo de um contínuo entre ambientes mais previsíveis e ambientes variáveis, que exigem ajustes durante a ação. Aplicada ao parapente, essa distinção ajuda a compreender por que aprender uma sequência de movimentos precisa ser acompanhado do desenvolvimento da percepção e da capacidade de adaptação às condições presentes. Ver Aprendizagem e performance motora, capítulo 1.

importante, mas também precisamos observar como ele é realizado e como o aluno reage às dificuldades.

Escutar uma orientação, observar uma demonstração e executar uma tarefa fazem parte da aprendizagem. O trabalho se amplia quando o aluno consegue relacionar sua ação ao resultado: o que procurou fazer? O que aconteceu? O que percebeu? Qual ajuste precisa experimentar?

Pense no conhecimento como uma semente. Cabe ao instrutor preparar condições para que ela encontre lugar e possa se desenvolver. Explicações, demonstrações, prática e discussão dos resultados participam desse cuidado. O aprendizado exige tempo, retomadas e oportunidades de utilizar aquilo que foi compreendido.

A responsabilidade do aluno cresce conforme sua preparação. Durante o curso, cabe ao instrutor manter os limites da atividade, avaliar a progressão e intervir quando necessário. Pedir ajuda, reconhecer uma dúvida e aceitar uma interrupção também são manifestações de responsabilidade.

Objetivos finais e objetivos intermediários

Neste método, os objetivos intermediários são tarefas com finalidade definida e dificuldade progressiva. Seu cumprimento permite construir habilidades que serão combinadas nas etapas seguintes. O aluno pode reconhecer conquistas durante o treinamento, antes de chegar ao primeiro voo[8].

Apresente o objetivo de cada exercício e explique como ele contribui para a formação. Indique o foco principal da tentativa, mantendo a atenção às condições do ambiente e aos limites da atividade. Depois, avalie tanto a execução quanto a compreensão do que aconteceu.

Dominar tarefas isoladas não garante que o aluno consiga integrá-las. Por isso, o treinamento precisa incluir atividades que combinem habilidades e permitam verificar sua utilização nas situações previstas.

Também é importante distinguir o primeiro voo da conclusão do curso. O primeiro voo é uma etapa da formação. O objetivo final do básico é desenvolver as competências necessárias para atuar dentro de um conjunto definido de condições e limites.

Material para acompanhamento

Disponibilize aos alunos um material com a finalidade dos exercícios, suas orientações e os critérios de avaliação. Reserve espaço para anotações sobre

[8] Carl Rogers relaciona a aprendizagem significativa à percepção de que a atividade contribui para os objetivos do aprendiz. Os objetivos intermediários procuram dar concretude a essa relação: permitem compreender a finalidade do esforço e reconhecer progresso durante o percurso. Essa aproximação sustenta a intenção pedagógica, sem validar tecnicamente cada exercício. Ver Liberdade para aprender, capítulo 7, “Sobre a aprendizagem e sua facilitação”, princípio 2.

dificuldades, percepções e objetivos das próximas tentativas. Utilize um formato que possa ser consultado durante o treinamento.

Peça opiniões e sugestões. O instrutor conhece a proposta da atividade, mas precisa descobrir como ela funciona com cada aluno. Uma pergunta ou uma dificuldade inesperada pode mostrar a necessidade de outra explicação ou de um ajuste.

Professor que não pede opinião me lembra aquele professor que entrava na sala, enchia a lousa de textos e ia embora. O aluno estava presente, mas sua experiência quase não encontrava espaço. Procure fazer diferente: escute, verifique o entendimento e explique os motivos das decisões.

Participação também inclui a possibilidade de discordar. Deixe claros os procedimentos de segurança e os critérios de progressão, distinguindo-os das escolhas didáticas que podem ser revistas.

Competências mínimas e limites da formação básica

Antes de avaliar a conclusão do curso, estabeleça o campo de atuação para o qual o aluno está sendo preparado. Neste método, a formação básica se destina a voos em condições tranquilas, sem atividade térmica, com equipamento adequado e locais compatíveis com a preparação do recém-formado.[9]

A rampa precisa permitir preparar, inflar, verificar e acelerar sem exigir habilidades adicionais que ainda não foram desenvolvidas. Sua avaliação inclui inclinação, regularidade do terreno, piso, espaço disponível e trajetória após a decolagem. Uma superfície pedregosa pode agravar as consequências de uma queda; um obstáculo à frente pode exigir um desvio imediato. Esses fatores precisam ser considerados em conjunto.

Na Ventomania, eu utilizava a expressão “decolagem padrão” para identificar rampas com características favoráveis a essa etapa.[10] O nome procurava delimitar uma situação de prática, sem significar que qualquer rampa aparentemente fácil seria adequada.

Dentro desse campo de atuação, a avaliação deve considerar:

---

[9] No programa da Ventomania, eu adotava como referência um limite máximo de vento de 18 km/h para esse campo de atuação. Esse número integrava um conjunto de critérios e não constituía autorização automática para voar. A avaliação também considerava variações do vento, características do local, equipamento e preparação do piloto.

[10] Minha referência de “decolagem padrão” incluía terreno de inclinação gradual, até cerca de 30°, piso favorável à corrida e trajetória sem obstáculos que exigissem desvios imediatos. Rampas muito íngremes dificultavam a postura e o deslocamento; áreas muito planas podiam exigir uma corrida maior. Esses parâmetros descrevem o contexto do método e precisam ser relacionados às demais características do local.

1. Preparação e verificação do equipamento, com compreensão dos procedimentos.
2. Inflada, estabilização, controle de solo e neutralização do velame pelos procedimentos ensinados.
3. Corrida de decolagem coordenada, com postura funcional, aceleração e controle dos comandos.
4. Execução da trajetória planejada e reconhecimento dos limites de atuação.
5. Aproximação, pouso e encerramento conforme os procedimentos trabalhados.
6. Avaliação do piloto, da condição e do equipamento, incluindo a capacidade de reconhecer dúvidas e decidir não iniciar ou interromper uma atividade.

Cada item precisa ser detalhado em comportamentos observáveis. Dizer “perfeito” ou “impecável” não esclarece o que será avaliado. Defina o desempenho esperado, as dificuldades que exigem mais treinamento e as situações que impedem avançar.

A postura durante a corrida recebia atenção específica na Ventomania. Eu chamava de “corrida olímpica” a organização corporal que procurávamos desenvolver para transmitir esforço pela selete, manter a aceleração e evitar frenagem involuntária.[11] A avaliação deve considerar a função da postura e sua adequação à situação.

A formação básica não inclui automaticamente o preparo para lidar com turbulência convectiva, atividade térmica e suas exigências de pilotagem. Essas situações pertencem a uma etapa de treinamento específica. Explique esse limite para que um bom desempenho inicial não seja confundido com preparação para qualquer condição.

Avaliação e progressão

A avaliação deve acompanhar o curso. Observe a evolução ao longo das tentativas, incluindo a capacidade de compreender a tarefa, executá-la e reconhecer dificuldades. Uma realização bem-sucedida precisa ser considerada junto ao desempenho nas demais atividades.

A autoavaliação e a observação dos colegas podem enriquecer o aprendizado.[12] Ensine o grupo a utilizar critérios claros e a discutir comportamentos, evitando

[11] Na “corrida olímpica”, eu utilizava como referência uma inclinação corporal à frente de aproximadamente 45°, apoiada pela conexão à selete. Procurava trabalhar a continuidade da corrida e evitar que a posição dos braços provocasse acionamentos involuntários dos freios. O ângulo era uma referência didática, com adaptações conforme aluno, equipamento, terreno e vento. A aplicação de esforço pela selete não deve ser confundida com alteração da carga alar, entendida como a relação entre o peso total e a área da asa.

[12] Rogers atribui à autoavaliação um papel importante no desenvolvimento da independência e da confiança no próprio julgamento. No treinamento de parapente, ela ajuda o aluno a construir critérios e reconhecer limites, sendo confrontada com evidências de desempenho. A avaliação do instrutor continua necessária para decidir a progressão. Ver Liberdade para aprender, capítulo 7, princípio 9.

comparações depreciativas. A decisão de progressão permanece sob responsabilidade do instrutor.

Um programa bem elaborado e discutido permite que os alunos compreendam as exigências, apresentem dúvidas e acompanhem seu progresso. Sua participação ajuda a aperfeiçoar o ensino e a construir critérios próprios de avaliação.

Regras, acordos e responsabilidades

Antes de iniciar o treinamento prático, apresente as regras e os acordos que organizam o curso. Explique sua finalidade, os compromissos de cada parte e as consequências do descumprimento. Essa conversa ajuda a proteger os participantes e a evitar conflitos produzidos por expectativas diferentes.



Procure ser claro e honesto. O aluno precisa conhecer as condições do curso, ter oportunidade de ler os termos, fazer perguntas e receber uma cópia do que foi acordado. A assinatura do contrato deve acompanhar essa compreensão.

Organize a conversa em quatro grupos.

Funcionamento do curso

Apresente os acordos sobre frequência, pontualidade, faltas e comunicação com a escola. Explique como serão tratadas remarcações, interrupções por condições inadequadas e retomadas após períodos de afastamento. Esclareça também que a progressão depende da preparação demonstrada e das condições necessárias a cada atividade.

Condições comerciais

Informe os valores, as formas de pagamento e o que está incluído no curso. Apresente as condições de desistência, cancelamento e eventual devolução de valores. Despesas adicionais precisam ser esclarecidas antes que o aluno assuma um compromisso, evitando surpresas durante a formação.

Segurança e convivência

Explique os procedimentos e os limites de atuação em cada etapa. O aluno precisa saber quais atividades dependem de autorização ou acompanhamento, como comunicar uma dificuldade e quando interromper uma tentativa.

Deixe clara uma diferença importante: perguntar ou discordar faz parte do aprendizado; desrespeitar uma orientação imediata de segurança pode comprometer a atividade. Quando houver necessidade de interrupção, o procedimento deve ser atendido primeiro, e seus motivos discutidos assim que a situação permitir.

Apresente também os compromissos de respeito aos colegas, à equipe, aos equipamentos e aos locais utilizados. A escola deve oferecer espaço para dúvidas e

dificuldades, sem humilhação ou pressão para que alguém participe de uma atividade para a qual não se sente preparado.

Interrupção, suspensão e desligamento

Esclareça quais situações podem exigir pausa, suspensão de uma atividade ou desligamento do curso. Diferencie dificuldades de aprendizagem de condutas que desrespeitam os limites acordados. As decisões devem considerar a situação, ser explicadas com clareza e preservar a segurança dos envolvidos.

Compromissos da escola

Os acordos também precisam dizer o que o aluno pode esperar de você: organização do treinamento, supervisão adequada, critérios claros de avaliação e tratamento respeitoso. Mudanças no planejamento devem ser comunicadas, e dúvidas sobre o andamento do curso precisam encontrar espaço para discussão.

Procure orientação profissional para a elaboração e revisão do contrato. Este manual oferece uma organização dos assuntos a abordar; as cláusulas precisam considerar o funcionamento da escola e as exigências aplicáveis à sua atividade.

Não espere o conflito aparecer para explicar uma regra. Assuntos como faltas, dinheiro, desistência e desligamento ficam mais difíceis quando cada pessoa acreditava ter combinado uma coisa diferente. Discuta tudo antecipadamente, escute as dúvidas e não deixe os acordos para a última hora.

Aulas práticas

Procedimentos

Os acordos foram apresentados e os alunos receberam o material de acompanhamento. Chegou a hora de experimentar a proposta na prática. Antes de começar, retome o objetivo da aula e verifique o que foi compreendido. Peça aos alunos que descrevam a atividade, esclareça dúvidas e apresente os limites de sua realização.

Utilize o trinômio piloto, condição e equipamento para organizar essa preparação. Envolva os alunos na observação e nas verificações, explicando os critérios que orientam suas decisões.

Piloto

Comece perguntando como seus alunos estão. Observe disposição física, atenção, cansaço e eventuais desconfortos. Dê espaço para que comuniquem dificuldades, sem transformar essa conversa numa investigação da vida pessoal.

Estar apreensivo diante de uma tarefa nova não significa, por si só, estar impossibilitado de realizá-la. Cabe ao instrutor avaliar como esse estado interfere na compreensão e na execução, ajustando a atividade ou interrompendo-a quando necessário. O aluno precisa saber que pode pedir uma pausa.

Prepare o corpo para as exigências da aula. Na Ventomania, eu utilizava atividades de preparação corporal, equilíbrio e respiração. Sua escolha deve considerar a finalidade, as características dos participantes e possíveis limitações. Explique como essa preparação se relaciona aos movimentos que serão trabalhados.

Reforce os acordos sobre álcool e outras substâncias que possam comprometer a atenção, o julgamento ou a coordenação. Quando houver dúvida sobre as condições de participação, interrompa o início da atividade e procure esclarecê-la.

Convide os alunos a observar os demais praticantes: que dificuldades estão encontrando? Como os velames se comportam? Há mudanças perceptíveis nas condições? Essas observações oferecem informações, mas não substituem a avaliação do próprio aluno e da atividade proposta.

Fale também sobre tráfego e distrações. Câmeras, acompanhantes e a expectativa de mostrar um bom desempenho podem interferir na concentração. Converse sobre isso sem presumir que todos reagirão da mesma maneira.

A postura merece atenção antes e durante os exercícios. Demonstre a organização corporal pretendida, explique sua função e observe como ela favorece ou dificulta os movimentos. O padrão precisa ser compreendido e ajustado à execução, considerando o aluno, o equipamento e a situação.

Proteja os momentos de preparação e verificação. Não há nada de ofensivo em pedir educadamente que alguém aguarde ou se afaste enquanto você confere o equipamento. Se houver uma interrupção, retome a sequência a partir de um ponto conhecido, evitando depender da impressão de que “já estava tudo pronto”.

Condição

Dedique tempo à observação das condições antes da atividade e continue acompanhando suas mudanças. Direção e intensidade do vento são referências importantes, assim como suas variações, as características do terreno, os obstáculos e a área disponível.

Incentive os alunos a perceber o vento no rosto e a observar birutas, vegetação e outros indicadores. Relacione essas percepções às medições disponíveis,

esclarecendo o que cada recurso permite reconhecer. Sentir o vento ajuda a desenvolver percepção, mas não equivale a medir sua velocidade.

Examine o local com o grupo. Onde estão os obstáculos? Como o terreno interfere na atividade? Há espaço para preparar o equipamento e interromper uma tentativa? O que acontece no entorno? Ajude o aluno a transformar essas observações em perguntas pertinentes ao exercício.

Apresente os limites estabelecidos para a aula e seus motivos. Peça aos alunos que expliquem quais mudanças poderiam exigir pausa, alteração da proposta ou encerramento. As respostas permitem verificar sua compreensão; a decisão sobre a realização da atividade permanece com o instrutor.

É comum deslocar-se até uma rampa distante e voltar sem decolar. Explique isso antes que aconteça. O tempo de viagem, o dinheiro gasto e a vontade de voar podem aumentar a pressão para continuar, mas não tornam uma condição adequada.

Equipamento

Apresente as partes principais do velame e sua função, utilizando linguagem acessível. Introduza os nomes técnicos junto ao que o aluno pode observar. Conhecer uma linha pelo nome é útil; reconhecer um sinal de dano e saber que precisa pedir uma avaliação também é.

Apresente a selete, o capacete e os demais componentes utilizados. Explique os ajustes e as verificações pertinentes ao conjunto, incluindo o paraquedas de emergência quando aplicável. O aluno deve compreender a finalidade dos procedimentos e reconhecer os limites daquilo que consegue verificar.

Relacione a classificação e as características do equipamento à sua utilização no curso. Evite tratar uma categoria como garantia de segurança. A adequação depende também do piloto, da atividade, das condições, da conservação e da configuração do conjunto.

Ensine cuidados de transporte, armazenamento e uso. Explique os fatores de desgaste e a necessidade de seguir as orientações de inspeção e manutenção do fabricante. Um dano, uma alteração de comportamento ou uma dúvida sobre a condição do equipamento pode exigir avaliação antes do prazo previsto para uma revisão.

Converse sobre aquisição e troca de equipamentos. O aluno precisa compreender o que atende às suas necessidades, em vez de escolher apenas por desempenho, aparência ou prestígio. Um equipamento adequado pode acompanhar uma parte

importante de sua trajetória, desde que sua condição seja verificada ao longo do uso.[13]

Instrumentos e acessórios

Ao apresentar instrumentos, explique sua função e como utilizá-los sem perder a atenção à atividade. O aluno precisa aprender a relacionar as informações recebidas às próprias observações, reconhecendo também os limites de cada recurso.[14]

Câmeras e acessórios exigem uma avaliação diferente. Sua instalação e utilização não devem interferir nos equipamentos, nos movimentos ou na concentração. Durante a formação, o registro de imagens precisa permanecer subordinado ao objetivo da aula.

Preparação e verificação

Organize uma sequência de preparação compatível com os equipamentos utilizados e com o local. A rotina deve ser ensinada, compreendida e praticada, mantendo uma distinção clara entre preparar o conjunto e verificar se ele está pronto para a atividade.

Essa organização deve contemplar:

1. Definição de uma área adequada para preparação, sem bloquear a circulação ou outras atividades.
2. Inspeção dos componentes e organização das linhas, conforme os procedimentos pertinentes.
3. Conferência das conexões, ajustes e fechamentos da selete e dos demais equipamentos.
4. Acondicionamento de objetos soltos, sem interferência nos componentes de segurança.
5. Posicionamento do velame e preparação para a técnica proposta.
6. Verificação final do conjunto, do piloto, do vento e do espaço necessário à atividade.

---

[13] Na Ventomania, eu incentivava os alunos a permanecer em equipamentos adequados à sua formação e procurava desestimular trocas motivadas apenas pela busca de maior desempenho. A intenção era favorecer experiência e domínio antes de introduzir novas exigências. Essa orientação deve ser relacionada às características de cada equipamento e piloto, sem estabelecer uma categoria como obrigatória para toda a trajetória.

[14] Durante a instrução na Ventomania, observei situações em que o interesse pelo variômetro desviava a atenção do aluno das sensações e das respostas do parapente. Por isso, em determinadas etapas, eu adiava sua introdução. Essa escolha fazia parte do treinamento que organizávamos. Ao rever essa experiência, considero importante avaliar a finalidade do instrumento e ensinar seu uso, em vez de vinculá-lo a uma distância alcançada ou apresentá-lo como recompensa por conquistas.

Essa relação organiza os assuntos a verificar; não substitui os procedimentos específicos do fabricante nem o checklist adotado pela escola. Detalhe a sequência utilizada, demonstre sua execução e confira se o aluno consegue realizá-la e explicar seus pontos principais.

Padronizar ajuda a criar referências para a ação. Mas uma sequência decorada pode perder sua função quando é executada sem atenção. Procure manter o aluno envolvido no que observa e esclareça como retomar a preparação depois de uma interrupção.

Antes de começar

Reúna o que foi observado: este aluno, com este equipamento, está preparado para a atividade nas condições presentes? Confirme o objetivo, os limites e a forma de comunicação durante o exercício.

A preparação é parte da aula. É nela que o aluno começa a aprender a observar, verificar e justificar escolhas. Com o tempo, essas tarefas passam a compor sua maneira de se relacionar com o parapente.

Gancho: da percepção à teoria

Aproveite o contexto sensorial da prática para introduzir breves explicações teóricas. O vento no rosto, o movimento da vegetação e as respostas do velame podem abrir uma conversa: de onde vem esse vento? Por que sua intensidade ou direção muda?

Apresente a ideia de que diferenças de pressão exercem uma força que tende a deslocar o ar das regiões de maior pressão para as de menor pressão. Relacione o assunto ao aquecimento desigual das superfícies, explicando que o relevo, o atrito e outros fatores também influenciam o movimento do ar.

A influência dos obstáculos pode ser explorada com exemplos visíveis. Nada como parar ao lado de um riacho para observar os redemoinhos formados pela água ao passar por pedras. Essa imagem ajuda a conversar sobre como um obstáculo pode alterar um escoamento, embora não reproduza todas as características do ar.

Retome então o ambiente do treinamento: onde estão as árvores, construções e irregularidades do terreno? Como podem interferir no vento? Utilize a observação para introduzir a discussão sobre turbulência e rotores, que será aprofundada nas aulas teóricas.

O propósito é dar uma referência concreta à explicação. Uma pergunta surgida durante a prática pode despertar o interesse por compreender aquilo que o aluno acabou de perceber.

O exercício

Apresentar e verificar a compreensão

Explique o objetivo do exercício, sua relação com o aprendizado e os motivos dos procedimentos. Apresente a sequência, os principais pontos de atenção e os limites da atividade. Selecione as informações necessárias para começar; outros detalhes podem ser introduzidos conforme as dificuldades aparecerem.

Não se contente com uma resposta afirmativa à pergunta “Você entendeu?”. Peça ao aluno que descreva o que pretende fazer e a que deverá prestar atenção. Quando necessário, utilize uma demonstração ou uma pergunta sobre a situação proposta. Você precisa verificar se ele compreendeu sua “missão”, reconhecendo que explicar e executar são capacidades diferentes.

Demonstrar

Execute o exercício para que os alunos possam observá-lo. Antes de começar, indique o que deseja que percebam. Mostre a sequência completa e, depois, destaque os movimentos ou momentos que merecem atenção específica.

Quando isso ajudar, comece mostrando a postura fora da selete e convide os alunos a experimentar os movimentos. Em seguida, repita com a selete, explicando o que muda com a conexão ao equipamento e a aplicação de esforço.

Na Ventomania, eu utilizava a expressão “execução olímpica” para valorizar a organização corporal durante as tarefas. O propósito era estabelecer referências de postura e movimento que favorecessem a execução. Em cada exercício, explique quais aspectos são importantes, por que ajudam e como precisam ser ajustados durante a atividade.

Apresente também as dificuldades mais frequentes e os sinais que ajudam a reconhecê-las. Essa antecipação prepara o aluno para observar o que acontece e compreender possíveis correções. Mantenha espaço para situações não previstas e para as perguntas que surgirem.

Executar e observar

Combine como a tentativa será conduzida e em quais momentos haverá orientação. Durante a execução, observe os movimentos, as respostas do equipamento e a maneira como o aluno lida com a tarefa.

Evite corrigir cada detalhe enquanto ele experimenta. Um erro tolerável pode oferecer informações importantes para a conversa seguinte. Não confunda falta de praticidade com risco à segurança.

Isso não significa esperar o fim em qualquer circunstância. Intervenha imediatamente quando houver risco. Também pode ser necessário pausar se o

aluno perdeu a sequência, não compreendeu a proposta ou está repetindo uma dificuldade sem conseguir reorganizar a ação. Explique o motivo da pausa e prepare a retomada.

Discutir o resultado

Depois da tentativa, escute primeiro o aluno[15]. Pergunte o que procurou fazer, o que aconteceu e o que percebeu. Dê tempo para que organize sua experiência e utilize perguntas quando precisar ajudá-lo a descrevê-la.

Procure distinguir o acontecimento da explicação. “A vela caiu” descreve um resultado; “a vela caiu porque caminhei devagar” propõe uma causa. Examine essa interpretação junto ao aluno, considerando o que foi observado. A conversa deve ajudá-lo a investigar, sem exigir que adivinhe a conclusão do instrutor.



Em seguida, apresente sua avaliação. Relacione os pontos observados ao objetivo do exercício e destaque o que foi conseguido e o que precisa de atenção. Quando houver diferenças entre sua percepção e a do aluno, utilize-as para esclarecer a tarefa.

Definir a próxima tentativa

Transforme a discussão numa orientação concreta. Qual será o foco da próxima tentativa? O que será mantido? Qual ajuste será experimentado? Pode ser necessário repetir, simplificar a atividade, demonstrar novamente ou fazer uma pausa.

Evite acumular muitas correções de uma vez. Escolha prioridades que o aluno consiga compreender e experimentar, verificando seus efeitos antes de acrescentar novas exigências.

Criar desafios com sentido

Bandeiras, pilões, gols e áreas demarcadas podem dar identidade aos exercícios e tornar o progresso mais visível. Utilize esses recursos para propor metas individuais, atividades colaborativas ou desafios em grupo.

---

[15] Freire apresenta a escuta como disponibilidade para conhecer as dúvidas, interpretações e diferenças do educando. Escutar não exige que o professor abandone sua avaliação; permite que sua orientação considere o pensamento do aluno. Essa perspectiva fundamenta a discussão da experiência antes da apresentação das correções. Ver Pedagogia da autonomia, seção 3.6, “Ensinar exige saber escutar”.

Pequenas competições também podem ser interessantes, desde que seus critérios valorizem controle, compreensão e respeito aos limites. Observe se a proposta está despertando envolvimento ou produzindo pressa, constrangimento e disposição para correr riscos.

O desafio precisa servir ao aprendizado. Quando o aluno sabe o que procura alcançar e consegue reconhecer suas conquistas, a repetição ganha propósito. Cabe ao instrutor acompanhar esse processo, mantendo espaço para experimentar, compreender e tentar novamente.

Atenção: conexão e preparação

Nos exercícios propostos neste manual, a inflada e o controle do velame devem ser realizados com o aluno corretamente conectado à selete e com o conjunto preparado e verificado para a atividade.

Antes de começar, siga os procedimentos de inspeção, conexão e checagem pertinentes ao equipamento. Uma configuração diferente pode alterar a postura, os movimentos e os riscos envolvidos. Não improvise mudanças sem avaliar suas consequências.

Lembre-se: seu exemplo também ensina

Seus alunos observam como você prepara o equipamento, respeita os limites e trata as dificuldades. Essas atitudes podem tornar-se referências para a maneira como eles irão praticar.

O velho ditado “Faça o que eu digo, não faça o que eu faço” merece atenção especial aqui. A coerência entre suas orientações e suas ações dá consistência ao ensino. Demonstre os cuidados que você espera ver nos alunos, inclusive a disposição para reconhecer uma dúvida ou interromper uma atividade.

Atenção: escolha como e quando orientar

Contenha sua ansiedade de corrigir cada movimento. Combine momentos para executar, observar e discutir, dando ao aluno espaço para perceber os efeitos de suas ações. Intervenha quando houver necessidade pedagógica ou risco à segurança, utilizando uma orientação clara.

Quando houver espaço para investigação, comece por perguntas como “O que você percebeu?” ou “Em que momento apareceu a dificuldade?”. Depois, apresente suas observações e discutam um ajuste para a próxima tentativa.

A observação dos colegas também pode ajudar. Convide o grupo a reconhecer ações e resultados, incluindo o que funcionou, sem transformar a conversa em julgamento de quem executa. Essa discussão deve preservar tanto o respeito ao aluno quanto sua atenção à supervisão.

Diferentes técnicas de inflada

As técnicas de inflada precisam ser ensinadas considerando o equipamento, o local e as condições da atividade. Uma técnica frequentemente utilizada na sua escola pode não ser a mais adequada em outro contexto. Adapte as propostas deste manual à sua realidade, procurando também compreender o que seus alunos precisarão aprender para praticar em outros locais.

Seu aluno poderá, um dia, “bater as asas e sair voando por aí”. Por isso, evite limitar sua formação exclusivamente às características da rampa onde você trabalha. Apresente diferentes possibilidades e deixe claro quais delas exigem preparação adicional.

Expanda-se! Suba a serra, conheça outros terrenos e observe como diferentes escolas organizam seu trabalho. Essa ampliação começa pelo repertório do instrutor; a participação dos alunos em novos ambientes precisa acompanhar sua preparação e as condições adequadas à atividade.

O parapente é feito para o planeta Terra, e não apenas para o quilômetro quadrado de sua rampa.

Inflada alpina



Na inflada alpina, o piloto inicia voltado para a direção de deslocamento, com o velame atrás de si. Apresente a sequência da técnica utilizada no equipamento e explique o papel de cada movimento.

Antes da prática, trabalhe os seguintes pontos:

- Identificação dos batoques e dos tirantes utilizados na inflada.
- Organização da postura e aplicação de esforço pela selete.
- Posição dos braços e das mãos durante a condução dos tirantes.
- Coordenação das pernas e continuidade do deslocamento.
- Intensidade e duração da atuação nos tirantes.
- Percepção da subida do velame, verificação e transição para a fase seguinte.

Demonstre como uma atuação inadequada nos tirantes pode interferir na forma e no comportamento do velame. Explique também como a posição das mãos pode

produzir acionamentos involuntários dos freios. O aluno precisa compreender a função da postura, relacionando seus movimentos à resposta do equipamento.

As referências corporais devem ser observadas dentro de cada fase. A condução da asa durante sua subida e a corrida com o velame estabilizado têm exigências diferentes. Evite transformar uma posição de braços ou uma intensidade de puxada numa regra para toda a sequência.

Inflada reversa



Na inflada reversa, o piloto inicia de frente para o velame. Existem diferentes formas de organizar os tirantes e os comandos. A descrição seguinte apresenta a configuração que utilizei no método da Ventomania; sua aplicação exige verificar a compatibilidade com o equipamento e demonstrar a sequência presencialmente.

Antes de começar, diferencie os componentes. Os mosquetões principais conectam os conjuntos de tirantes à selete. Na extremidade superior dos tirantes, os mosquetinhos fazem a união com as linhas. Neste exercício, a mão atua nos tirantes A, próximo aos mosquetinhos.[16]

Organização dos comandos

O piloto mantém cada batoque na mão correspondente. Ao virar de frente para o velame, passa sob o conjunto direito de tirantes, que atravessa por cima de sua cabeça. Depois do giro, os conjuntos ficam cruzados à frente.

A mão direita, ainda segurando o batoque direito, reúne os dois tirantes A. A mão esquerda permanece com o batoque esquerdo disponível para atuação. Enquanto a mão direita conduz os tirantes, o freio direito não pode ser utilizado com a mesma independência.

Essa distinção é importante: o piloto continua segurando os dois batoques, mas não dispõe naquele momento da mesma liberdade de atuação em ambos. Demonstre a

[16] Ao longo da minha experiência, trabalhei com diferentes distribuições das linhas entre os tirantes, incluindo configurações em que o conjunto frontal reunia linhas de mais de uma região da asa. Por isso, a identificação do tirante utilizado deve considerar o equipamento específico. A descrição desta técnica pressupõe a identificação de tirantes A dedicados às linhas correspondentes.

configuração sem inflar e verifique se o aluno reconhece os comandos e compreende o giro necessário para desfazer o cruzamento.

Subida induzida

Na proposta utilizada na Ventomania, o posicionamento inicial procurava favorecer a subida do lado esquerdo do velame. Isso permitia trabalhar a regulação dessa subida com o freio esquerdo, enquanto a mão direita conduzia os tirantes A. O outro lado acompanhava o movimento em seguida.

Apresente essa intenção ao aluno e observe o que realmente acontece. A resposta depende do posicionamento, da disposição do velame, do vento e da atuação nos comandos. Se a asa responder de outra forma, a tentativa precisa ser avaliada, sem presumir que a sequência esperada ocorrerá automaticamente.

Elevação parcial do velame

No exercício inicial, o objetivo é retirar parcialmente o velame do chão, sem completar a inflada. A tarefa permite observar a tração, organizar a postura e relacionar o deslocamento do piloto ao comportamento da asa.[17]

A flexão das pernas e a organização corporal procuram ajudar o aluno a lidar com essa tração. A imagem de um “cabo de guerra” pode servir para explicar o apoio e a resistência, desde que não seja entendida como uma obrigação de permanecer imóvel ou resistir a qualquer força.

Dentro dos limites definidos para o exercício, compare tentativas em que o aluno oferece resistência com outras em que se desloca em direção ao velame. Observe as mudanças na tensão e no movimento da asa. Interrompa quando a resposta ultrapassar a proposta ou exigir recursos que o aluno ainda não possui.

Depois, pergunte: o que você sentiu? Em que momento a tração mudou? Como seu deslocamento interferiu no resultado? Utilize essas observações para discutir as forças presentes e preparar a tentativa seguinte.

Observação e discussão dos exercícios

Siga a sequência de apresentação, demonstração, prática e discussão descrita no capítulo “O exercício”. Aqui, concentre a observação na relação entre postura, deslocamento, atuação nos comandos e resposta do velame.

Dê espaço para o aluno experimentar, com supervisão e limites claros. Oriente diretamente quando necessário e utilize perguntas quando houver oportunidade de

[17] Na Ventomania, utilizava elevações parciais de aproximadamente um a dois metros como referência para esse primeiro contato. A intenção era investigar a resposta do velame e as forças percebidas antes de trabalhar a inflada completa. Essa altura descreve uma referência daquele treinamento, não um limite universal de segurança.

investigação. Seu aluno não é um aeromodelo rádio-controlado: precisa desenvolver percepção e julgamento, contando com o apoio adequado a cada etapa.

Se o velame cair, procure primeiro descrever o acontecimento. Em que momento isso ocorreu? O que mudou no deslocamento, no vento ou na atuação dos comandos? Uma velocidade insuficiente pode ser uma hipótese, mas precisa ser examinada junto às demais informações.

Quando apropriado, proponha uma alteração de cada vez e compare os resultados. O objetivo é ajudar o aluno a construir uma explicação, incluindo a possibilidade de rever a hipótese inicial.

A observação dos colegas também pode contribuir. Convide o grupo a identificar ações e efeitos, sem constranger quem executa nem desviar sua atenção da supervisão. Algumas discussões serão mais proveitosas depois que a tentativa terminar.

Padronização e adaptação



Estabeleça uma sequência de referência para preparar o equipamento e realizar cada exercício. Explique os pontos que precisam ser preservados e as adaptações necessárias conforme o conjunto utilizado, a técnica e as condições.

O treinamento deve incorporar os cuidados de segurança pertinentes à prática. Ao mesmo tempo, as tarefas podem ser simplificadas para trabalhar uma habilidade específica. O instrutor precisa deixar claro o que está sendo reproduzido, o que foi limitado para ensinar e quais competências ainda serão desenvolvidas.

Execução dos exercícios

1. Controle em linha reta

Objetivo

Desenvolver a percepção das forças durante a inflada alpina e aprender a conduzir o velame até a posição sobre a cabeça, mantendo o alinhamento com seu centro e evitando atuações que deformem o bordo de ataque.

Preparação

Comece ensaiando a organização corporal sem o parapente: pernas flexionadas, tronco inclinado e braços posicionados conforme a técnica apresentada. Depois,

repita com a selete e explique como o movimento do corpo transmite esforço ao conjunto.

Dê atenção especial à diferença entre deslocar o corpo e puxar com os braços. Neste exercício, procuramos desenvolver uma puxada coordenada pelo movimento corporal, mantendo os braços como ligação com os tirantes. Demonstre como uma flexão inadequada pode alterar a tração nos tirantes A e deformar o bordo de ataque.

Execução

Com o equipamento preparado e verificado, o aluno realiza a inflada alpina e segue em linha reta. A tarefa é conduzir a subida do velame, perceber suas respostas e ajustar o deslocamento para permanecer alinhado ao centro da asa.

Acompanhe a transição entre a puxada inicial, a subida e o controle sobre a cabeça. A atuação nos tirantes deve seguir a técnica ensinada para o equipamento utilizado, sem prolongar a puxada indiscriminadamente depois que ela cumpriu sua função.

O exercício permanece em solo. Escolha condições que permitam sua realização sem saída involuntária do chão e deixe claro o procedimento de interrupção.

O que perceber

Convide o aluno a observar onde sente a tração inicial e como essa força se modifica enquanto o velame sobe. Quando a asa chega sobre a cabeça, ele pode perceber mudanças na tensão transmitida pela selete e, conforme as condições, um alívio parcial do peso apoiado nos pés.

O propósito é começar a reconhecer essas diferenças e relacioná-las ao movimento. O aluno não precisa buscar sustentação suficiente para sair do chão; precisa perceber o que acontece enquanto mantém o controle da atividade.

Discussão e próxima tentativa

Depois da execução, escute o aluno: onde sentiu a força? Em que momento ela mudou? O velame subiu alinhado? Houve alguma deformação? O que ele fez quando percebeu um desvio?

Acrescente sua observação e escolham um foco para a tentativa seguinte. Pode ser a coordenação da puxada, a posição dos braços ou o alinhamento do deslocamento. Evite acumular correções que dificultem reconhecer o efeito de cada ajuste.

Critérios de progressão

Antes de introduzir curvas, verifique se o aluno consegue conduzir a sequência com coordenação, manter o alinhamento e reconhecer dificuldades relevantes. Considere

o desempenho em diferentes tentativas, além de sua capacidade de explicar o que percebeu[18].

Interrompa quando houver perda de controle, aproximação de obstáculos, saída da área prevista ou possibilidade de decolagem involuntária.

Gancho: forças e sustentação

Aproveite as sensações para introduzir uma conversa sobre tração, forças aerodinâmicas e sustentação. Pergunte o que mudou entre a vela no chão, sua subida e a posição sobre a cabeça.

Diferencie a força transmitida pelo conjunto da sustentação que pode aliviar o apoio dos pés. Relacione as observações à velocidade da asa em relação ao ar, lembrando que ela depende também do vento, e não apenas do deslocamento do aluno sobre o terreno.

2. Controle em curvas

Após a inflada alpina e a estabilização, caminhe fazendo curvas graduais para ambos os lados. Depois, introduza bandeiras ou outras marcações como pilões. Comece com duas: uma para orientar o contorno e outra para definir uma passagem de chegada, nosso “gol”.

Esse é o primeiro trabalho específico com os batoques em curva. Demonstre a coordenação entre a atuação no comando, a resposta do velame e o deslocamento do piloto. Organize um percurso amplo, permitindo correções e interrupções.



Chame a atenção para a resistência percebida nos batoques. Esse “peso” resulta da tensão transmitida pelas linhas de freio quando atuamos sobre o bordo de fuga. Peça ao aluno que observe como a resistência muda e qual resposta da asa acompanha sua ação.

Depois da tentativa, pergunte: quando a curva começou? O que você sentiu no comando? Como

[18] Schmidt e Lee distinguem a proximidade do resultado em relação à meta e a variabilidade entre tentativas. Essa distinção orienta a avaliação: um acerto isolado não demonstra a mesma consistência que execuções repetidas com controle. Observar desvios recorrentes e oscilações no desempenho ajuda a escolher o foco do treinamento seguinte. Ver Aprendizagem e performance motora, capítulo 1, discussão dos escores de erro.

acompanhou o movimento do velame? Utilize as respostas e sua observação para definir o foco da próxima tentativa.

Gancho: forma da asa, comandos e primeiras noções de estol

Como uma asa de tecido consegue manter sua forma? Aproveite a pergunta para apresentar as entradas de ar no bordo de ataque. A pressão interna, em conjunto com a estrutura do velame e a tensão das linhas, contribui para manter o perfil da asa.

Mas estar inflado e produzir sustentação não são a mesma coisa. A sustentação depende também de como o ar escoa ao redor desse perfil. Ao atuar nos batoques, o piloto deforma o bordo de fuga e modifica a resposta aerodinâmica.

Introduza então o estol: ao ultrapassar o ângulo de ataque crítico, a separação do escoamento provoca uma redução importante da sustentação. Não se trata simplesmente de o ar sair pelas entradas ou de a pressão interna desaparecer.

O objetivo, nesta etapa, é compreender que a atuação nos freios possui limites. Frear mais não significa controlar melhor em qualquer situação. Essas primeiras noções serão retomadas nos exercícios seguintes, relacionando a explicação ao que o aluno consegue perceber.

3. Anda e para

Objetivo

Desenvolver a percepção da aceleração e da desaceleração do velame, do movimento relativo entre piloto e asa e do tempo de resposta aos comandos. O aluno começa a aprender que controlar envolve dosar a atuação e acompanhar seus efeitos, evitando acrescentar comandos antes de compreender a resposta em curso.

Execução

Após a inflada alpina e a estabilização, o aluno caminha em linha reta, para e retoma o deslocamento, conforme a sequência demonstrada. Comece com transições graduais e introduza mudanças mais rápidas conforme houver coordenação e controle.

Chame a atenção para uma diferença importante: quando os pés param, o velame pode continuar se movendo. Na retomada, o deslocamento do piloto e a resposta da asa também não acontecem necessariamente juntos. O exercício procura tornar essas diferenças perceptíveis.

Observe a atuação nos batoques e sua relação com o movimento corporal. O aluno precisa aprender tanto a executar um comando quanto a acompanhar o que acontece depois dele.

O que perceber

Peça ao aluno que observe a posição do velame, a tensão transmitida pela selete e a resistência nos comandos durante a caminhada, a parada e a retomada.

A resposta da asa evolui ao longo do tempo. Se o aluno espera um efeito imediato, pode interpretar a ausência de uma mudança já visível como sinal de que atuou pouco. Acrescenta então mais comando, quando precisava compreender melhor o efeito da atuação anterior.

Esse excesso de intervenção é conhecido como overcontrol. Para evitá-lo, o aluno precisa relacionar intensidade e duração do comando à resposta observada. Isso não significa esperar passivamente diante de qualquer situação: os limites do exercício e a necessidade de intervenção continuam orientando a atividade.

Discussão e próxima tentativa

Pergunte:

a) O que aconteceu com a asa quando você parou?

b) Quando percebeu o efeito do comando?

c) Acrescentou outra atuação antes de reconhecer esse efeito?

d) Como o velame respondeu na retomada?

Relacione as respostas à sua observação. Escolha um foco para a próxima tentativa, como a coordenação da parada, a duração da atuação ou a percepção do movimento que acontece depois dela.

Gancho: inércia, sustentação e movimento pendular

Utilize a experiência para introduzir a inércia: o velame não acompanha instantaneamente toda mudança no deslocamento do piloto. Sua resposta depende também das forças aerodinâmicas e da interação transmitida pelas linhas.

A separação entre piloto e asa permite movimentos relativos que podem ser discutidos como uma introdução à dinâmica pendular. Em solo, porém, o apoio e o deslocamento dos pés modificam essa dinâmica; o exercício oferece referências iniciais, sem reproduzir integralmente o que acontece em voo.

Retome também a relação entre velocidade da asa em relação ao ar e sustentação. A parada sobre o terreno não significa necessariamente que o velame deixou de receber escoamento, pois o vento continua participando da situação.

O aprendizado central é reconhecer que um comando inicia uma resposta que precisa ser acompanhada. Perceber essa evolução ajuda a substituir intervenções acumuladas por ações mais coordenadas.

2. Caminhada lenta

Objetivo

Romper a ideia de que manter o parapente inflado exige correr o máximo possível. Queremos que o aluno explore o controle em solo com menor velocidade de deslocamento, observando o comportamento do velame ao se aproximar do estol nas condições daquele exercício.

Execução

Após a inflada alpina e a estabilização do velame, peça ao aluno que reduza progressivamente a velocidade da caminhada, ajustando sua posição para manter-se debaixo da asa. O desafio é caminhar lentamente e perceber quando precisa modificar seu deslocamento para manter o controle.

Chame a atenção para as mudanças na tração transmitida pela selete e pelos tirantes, na posição do velame e na resposta aos movimentos. O aluno deverá começar a reconhecer essas alterações e a necessidade de retomar a aceleração antes de perder o controle.

Ao encerrar, retome o procedimento de neutralização e o giro de frente para a vela, conforme previamente treinado, observando a passagem dos tirantes por sobre a cabeça.

Reflexão

Depois da execução, pergunte: “Você precisava correr tanto? O que mudou quando diminuiu a caminhada? Como percebeu que precisava acelerar novamente? O que aconteceu depois que acelerou?”

Gancho

Aproveite a experiência para introduzir as relações entre vento relativo, sustentação, ângulo de ataque e estol. Explique que a velocidade da caminhada é diferente da velocidade do ar em relação à asa: o vento também participa do resultado. Por isso, caminhar lentamente não corresponde, por si só, a estar próximo do estol, nem permite determinar a velocidade mínima de voo.

Parta daquilo que o aluno percebeu para ajudá-lo a compreender o que aconteceu.

4. Inflada reversa — técnica Ramponi

Objetivo

Introduzir a inflada reversa por meio do trabalho com um lado do velame de cada vez. O aluno começa a perceber a relação entre a tração no tirante, a subida da asa e a ação do freio correspondente para controlar esse movimento.

Execução com auxílio do instrutor

Com o aluno conectado à selete e de frente para o parapente, o instrutor mantém uma das pontas do velame no chão. O aluno atua no tirante correspondente ao lado livre, iniciando sua elevação. Em seguida, utiliza o freio daquele lado para interromper a subida e conduzir seu retorno controlado ao solo.

Nesta etapa, trabalhamos uma elevação parcial, próxima ao chão. Ao manter a outra ponta no solo, o instrutor reduz sua interferência e permite que o aluno concentre a atenção no lado em estudo.

Após algumas experiências e a conversa sobre o que foi percebido, inverta o lado trabalhado.

Lembre-se de esclarecer a identificação dos lados: os comandos direito e esquerdo mantêm sua correspondência com os lados do parapente na posição de voo. Quando o piloto está de frente para o velame, essa disposição aparece visualmente invertida.

Execução sem auxílio

Quando o aluno demonstrar compreensão e controle da tarefa, retire progressivamente a ajuda. Agora ele deverá reconhecer qual lado inicia a subida e utilizar o comando correspondente para controlá-lo.

Observe como ele integra o aprendizado dos dois lados e quais dificuldades aparecem nessa nova etapa.

Reflexão

Pergunte: “O que você sentiu quando começou a puxar? Como percebeu a resposta ao freio? O que mudou quando deixou de contar com minha ajuda?”

Essas respostas ajudarão a orientar as próximas tentativas.

2. Inflada reversa induzida

Objetivo

Explorar como o posicionamento do piloto em relação ao velame pode favorecer a subida de um lado primeiro. O aluno deverá relacionar a preparação da inflada, a tensão das linhas e o controle da subida com o freio correspondente.

Execução

Posicionado de frente para o velame, o aluno dá um passo para um lado, modificando a tensão entre os dois conjuntos de linhas. Antes de iniciar, peça que identifique qual lado espera ver subir primeiro e explique sua previsão.

A distribuição dos comandos deverá permitir que ele utilize o freio correspondente ao lado que pretende elevar. Uma mão reúne os tirantes A; a outra permanece disponível para atuar no freio daquele lado.

Inicialmente, mantenha a proposta de elevação parcial do exercício anterior. O aluno inicia a inflada, observa qual lado sobe primeiro e utiliza o freio correspondente para controlar a subida e conduzir o retorno ao solo.

Depois, proponha a experiência pelo outro lado, invertendo também a distribuição dos tirantes entre as mãos.

Reflexão

Pergunte: “Qual lado você esperava que subisse? Foi isso que aconteceu? O que mudou na tensão das linhas quando você deu o passo? Como o velame respondeu à sua ação?”

A intenção é que o aluno compreenda como preparar a inflada e reconheça a relação entre seu posicionamento e a resposta da asa.

3. Pilões lentos

Objetivo

Integrar duas habilidades já trabalhadas: a caminhada lenta e o controle em curvas. O aluno deverá coordenar velocidade, deslocamento e comandos para conduzir o parapente entre os pilões.

Aqui, a progressão acontece pela combinação de aprendizados anteriores. Cada habilidade oferece uma base conhecida, enquanto sua integração apresenta um novo desafio.

Execução

Com o velame estabilizado sobre a cabeça, o aluno percorre o trajeto entre os pilões, realizando curvas em baixa velocidade.

Trabalhe o deslocamento do piloto pelo lado externo da curva, observando a inclinação do velame para o lado interno. Chame a atenção para a relação entre essas trajetórias: piloto e asa percorrem caminhos diferentes, que precisam ser coordenados.

Incentive o aluno a perceber quando precisa ajustar o ritmo da caminhada, sua posição ou a atuação nos comandos para dar continuidade ao percurso. A velocidade deverá permitir o controle durante as mudanças de direção.

Reflexão

Após a execução, pergunte: “O que mudou em relação à caminhada lenta em linha reta? Como ficou a tração durante a curva? Você precisou modificar a velocidade? Onde estava seu corpo em relação ao velame?”

Gancho

Utilize a inclinação da asa e o deslocamento relativo entre piloto e velame para introduzir a compreensão dos movimentos pendulares. Explore as relações que podem ser observadas em solo, explicando também as diferenças em relação ao voo.

2. Pilões rápidos

Objetivo

Integrar a corrida e o controle em curvas, desenvolvendo a coordenação entre postura, velocidade, trajetória e comandos. O exercício acrescenta ao percurso entre pilões a necessidade de antecipar e organizar as mudanças de direção durante um deslocamento mais rápido.

Execução

Com o velame estabilizado, o aluno percorre os pilões em zigue-zague, aumentando progressivamente a velocidade conforme mantém o controle do conjunto.

Dê atenção à postura de corrida, com o peito projetado para a frente, recuperando as referências trabalhadas na preparação para a decolagem. Observe também o equilíbrio e a coordenação das passadas durante as mudanças de direção.

No contorno dos pilões, trabalhe a inclinação do velame para o interior da curva, enquanto o piloto percorre um arco mais externo. Chame a atenção para a relação entre essas trajetórias e para a preparação da transição à curva seguinte.

Incentive o aluno a perceber o efeito de cada ação e o tempo de resposta da asa, evitando acumular comandos antes de reconhecer seus resultados.

Reflexão

Depois da execução, pergunte: “O que mudou em relação aos pilões lentos? Como você preparou a passagem de uma curva para outra? O que precisou antecipar? Em algum momento comandou mais do que precisava?”

Gancho

Retome a relação entre velocidade, inércia e movimentos pendulares, utilizando as diferenças percebidas entre os percursos lento e rápido para desenvolver a compreensão do aluno.

2. Controle reverso

Objetivo

Consolidar o controle do parapente com o piloto de frente para o velame, integrando as habilidades desenvolvidas nos exercícios anteriores. A progressividade aparece novamente: o que foi trabalhado separadamente passa a fazer parte de uma tarefa contínua.

Esse controle tem aplicação direta na preparação para a decolagem. O piloto precisa reconhecer se consegue conduzir e estabilizar a asa antes de decidir prosseguir.

Execução

Após a inflada reversa, o aluno mantém o velame estabilizado sobre a cabeça, coordenando o posicionamento do corpo, o deslocamento e a atuação nos comandos.

Proponha momentos de controle caminhando e momentos em que ele procure permanecer numa área definida. Permanecer no lugar permite os ajustes dos pés necessários ao equilíbrio e ao controle, conforme as condições do exercício.

Observe se o aluno percebe os movimentos da asa, reconhece o efeito de suas ações e consegue fazer as correções sem acumular comandos desnecessários. Incentive-o também a identificar quando precisa interromper e reiniciar a tentativa.

Reflexão

Pergunte: “Você estava conduzindo o velame ou apenas reagindo aos seus movimentos? O que precisou ajustar para permanecer no lugar? Como percebeu que havia recuperado o controle?”

Gancho

Relacione a experiência à preparação para o voo. Controlar a asa antes de prosseguir com a decolagem é uma exigência que acompanhará o piloto ao longo de sua prática. Se esse controle não está estabelecido, é hora de interromper e reavaliar.

2. Sequência integrada de controle em solo

Objetivo

Integrar as habilidades desenvolvidas anteriormente numa sequência contínua. O aluno deverá manter o controle do parapente durante as mudanças de posição e de deslocamento, desde a inflada até a neutralização do velame no solo.[19]

Execução

O aluno realiza a inflada reversa e estabiliza o velame sobre a cabeça. Em seguida, gira para ficar de frente para a trajetória e inicia a corrida. Depois, interrompe o deslocamento, gira novamente para ficar de frente para a asa e retoma o controle reverso. A sequência termina com a neutralização controlada do velame no solo.

Observe especialmente as transições. Durante os giros, o aluno precisa coordenar o movimento do corpo sem provocar ações involuntárias nos comandos. Na corrida e na parada, deverá reconhecer e administrar a resposta da asa à aceleração e à desaceleração.

Cada passagem depende do controle estabelecido na etapa anterior. Incentive o aluno a reconhecer quando pode continuar e quando precisa interromper a tentativa.

Reflexão

Pergunte: “Em qual transição você encontrou mais dificuldade? O giro interferiu nos comandos? Como o velame reagiu quando você parou? O que indicou que havia controle para continuar?”

Gancho

[19] Chamei este exercício de “barba e cabelo” pela ideia do “serviço completo”: uma síntese do que havia sido aprendido até ali, reunindo inflada, estabilização, giros, corrida, parada e neutralização. O apelido também ajudava a dar leveza ao treinamento.

Retome a progressividade do treinamento: habilidades praticadas separadamente agora precisam funcionar em conjunto. A qualidade da sequência depende também da coordenação entre suas etapas.

2. Estudo do estol e da recuperação em solo

Objetivo

Estudar o comportamento do parapente na entrada em estol e na recuperação, relacionando as mudanças observadas no velame com as sensações transmitidas pelos batoques, pelas linhas, pelos tirantes e pela selete.

Essa experiência aproxima o aluno do “corpo” de nossa asa voadora: uma estrutura flexível cuja forma e comportamento dependem da interação com o ar e com o piloto.

Execução

O exercício acontece exclusivamente em solo, sob supervisão direta. Antes de começar, o instrutor demonstra a proposta e estabelece os limites de execução e interrupção, considerando o equipamento, as condições e o domínio do aluno.

Após a inflada e a estabilização, o aluno atua simetricamente nos freios para explorar a entrada em estol e a recuperação do velame, conforme a demonstração e os limites estabelecidos.

Chame a atenção para a sequência dos acontecimentos: o movimento dos comandos, a resposta da asa, as alterações de forma e de tração e a retomada da estabilidade. Observe também como o aluno coordena seu posicionamento e suas ações durante essa recuperação.

Reflexão

Pergunte: “O que mudou na resistência dos batoques? O que você percebeu nas linhas e na selete? A deformação aconteceu como esperava? Como reconheceu que o velame havia recuperado a forma e a estabilidade?”

Compare aquilo que o aluno sentiu com o que ambos observaram. Essa conversa ajuda a construir referências para compreender o comportamento da asa.

Gancho

Retome as relações entre ângulo de ataque, escoamento do ar, sustentação e estol. Explique que a experiência em solo oferece uma aproximação com esses fenômenos, mas não equivale ao treinamento de recuperação de estol em voo, que exige preparação específica.

2. Simulação de decolagem abortada — call-off

Objetivo

Treinar a interrupção da corrida de decolagem, mantendo o controle do conjunto piloto–asa. O aluno deverá experimentar duas formas de encerramento: conservar o velame inflado sob controle e conduzi-lo à neutralização no solo.

Execução

Antes de começar, estabeleça o percurso, a área disponível para interrupção e a sinalização utilizada. O local e as condições deverão permitir a realização do exercício sem saída do chão.

Após a inflada e a estabilização, o aluno inicia a corrida, recuperando a postura e a aceleração trabalhadas anteriormente. A velocidade aumenta progressivamente, respeitando o espaço e os limites definidos para a tarefa.

No momento combinado, executa a interrupção. O aluno também deverá reconhecer que pode interromper antes, caso perceba alguma dificuldade que comprometa a continuidade do exercício.

Trabalhe as duas variações:

Sem neutralização: o aluno interrompe a corrida e retoma o controle do velame inflado, nas condições que permitam essa continuidade.

Com neutralização: o aluno interrompe a corrida e conduz o velame de maneira controlada ao solo.

Apresente este exercício como um marco do treinamento. Estamos nos aproximando dos primeiros voos, e saber interromper uma decolagem faz parte desse preparo.

Reflexão

Pergunte: “Como você se organizou para interromper? O que mudou entre as duas variações? Sentiu vontade de continuar correndo? Como reconheceu que havia concluído a interrupção?”

Gancho

Converse sobre situações que justificam abortar uma decolagem. Retome o trinômio Piloto–Condição–Equipamento e mostre que a decisão de prosseguir continua sendo avaliada durante a preparação e a corrida.

2. Corrida com impulso

Objetivo

Integrar a corrida, o impulso e uma breve saída do chão, introduzindo o uso dos freios na preparação do contato com o solo e na continuidade do controle da asa depois do toque.

Execução

Depois de tanta corrida e tanto suor, vamos acrescentar um desafio: até onde você consegue ir?

Prepare um percurso com espaço para a corrida e o retorno ao solo, definindo os limites da atividade conforme o terreno, as condições e o preparo dos alunos. Apresente o movimento e demonstre a sequência completa.

O aluno realiza a inflada, estabiliza o velame e inicia a corrida. Dê atenção à postura durante a aceleração, com o peito projetado para a frente e o impulso coordenado conforme o movimento ensaiado.

A proposta é experimentar uma breve saída do chão e tentar prolongar esse pequeno percurso, preparando-se para retornar ao solo. A atuação nos freios deverá ser demonstrada e orientada pelo instrutor, considerando o equipamento e as condições.

E atenção: os pés tocaram o chão, mas o exercício ainda não terminou! O piloto precisa continuar administrando a asa enquanto ajusta seu deslocamento. Queremos que ele perceba essa relação e aprenda a controlar o avanço do velame, evitando que ele ultrapasse o piloto e atinja o chão com o bordo de ataque.

Você pode marcar as distâncias e propor pequenas disputas. Para completar o desafio, entram na conta a distância, a qualidade do retorno ao solo e o controle posterior da asa. Incentive cada aluno a observar o que fez e tentar melhorar sua própria execução.

Reflexão

Pergunte: “O que ajudou você a prolongar o percurso? Como preparou o contato com o chão? O que aconteceu com a asa quando seus pés tocaram o solo? O que mudaria na próxima tentativa?”

Gancho

Retome a inércia e a relação entre os movimentos do piloto e do velame. A experiência ajuda a perceber que o contato com o chão modifica o movimento do piloto e exige continuidade no controle da asa.

2. Subida do morro

Objetivo

Aprimorar o controle do parapente durante a subida de um terreno inclinado, explorando a relação entre deslocamento, atuação nos freios e resposta da asa. O exercício também desenvolve a capacidade de conduzir o velame em diferentes orientações do corpo.[20]

Execução

Com o velame inflado e estabilizado, o aluno inicia a subida, mantendo-se em solo. O instrutor deverá escolher um trecho que permita o deslocamento e a observação do percurso.

Proponha a alternância entre posições: ora de frente para a trajetória de voo, caminhando de costas morro acima, ora de frente para o velame, em controle reverso. Os giros recuperam a coordenação trabalhada nos exercícios anteriores.

Durante a subida, o aluno explora a atuação dos freios para regular o comportamento da asa e coordená-lo com seu deslocamento. Chame a atenção para as mudanças na resistência dos comandos, na tração e na posição do velame.

Observe as acelerações e desacelerações do conjunto e incentive o aluno a perceber como seus movimentos participam dessas respostas. A intenção é reconhecer os ajustes necessários para continuar a subida, respeitando os limites de controle definidos para o exercício.

Reflexão

Pergunte: “Em qual posição você encontrou mais facilidade? O que mudou quando virou? Como a asa respondeu aos freios? Você conseguiu perceber quando precisava modificar sua ação?”

Gancho

Retome os movimentos pendulares, o tempo de resposta do velame e as noções de estol. Utilize as sensações relatadas pelo aluno para relacionar seus comandos ao comportamento observado na asa.

---

[20] Insisto na variação para evitar que a preferência se transforme em limitação. Se treinamos a inflada reversa reunindo os tirantes na mão direita, também precisamos desenvolver a configuração com a esquerda. Não quero formar um piloto que, diante da necessidade de mudar o sentido de uma curva, diga: “Ah, só consigo rodar para a direita!”. Cada pessoa terá suas preferências e diferenças de habilidade entre os lados. Nosso trabalho é ampliar esse repertório, praticando ambos os sentidos e configurações, sem exigir uma igualdade perfeita entre eles.

2. Toque de pontas

Objetivo

Desenvolver o controle lateral do parapente, coordenando deslocamento, comandos e recuperação da estabilidade. É um desafio para colocar à prova as habilidades construídas até aqui — e experimentar o prazer de perceber o próprio domínio aumentando antes dos primeiros voos.

Execução

Com pouco vento, o aluno corre com o velame inflado e procura tocar suavemente uma das pontas no chão. Em seguida, modifica o deslocamento para realizar o toque com a outra ponta e termina recuperando a asa estabilizada sobre a cabeça.

Comece pelo lado escolhido pelo aluno e depois proponha a sequência no sentido contrário. Observe a coordenação entre os movimentos do corpo, a atuação nos comandos e a resposta do velame.

Em condições de vento adequadas, o exercício poderá exigir menos corrida. O aluno também pode tentar tocar o estábilo numa referência escolhida pelo instrutor, que não ofereça risco de prender linhas ou danificar o tecido.

Agora vem a brincadeira: quem consegue completar a sequência com dois toques suaves e uma recuperação bem organizada? O desafio inclui trazer a asa de volta e terminar sob controle!

Reflexão

Pergunte: “Qual lado foi mais fácil? O que você mudou para alcançar o outro? Conseguiu preparar a recuperação antes de tocar o chão? Em algum momento comandou mais do que precisava?”

Gancho

Retome a relação entre deslocamento do piloto, inclinação do velame e movimentos pendulares. Valorize a conquista: desenvolver habilidade amplia os recursos para agir com segurança, em conjunto com a avaliação das condições e o reconhecimento dos próprios limites.

2. Decolagem e pouso no morrinho

Objetivo

Integrar a corrida de decolagem, uma breve trajetória de voo, a aproximação e o pouso, mantendo o controle desde a preparação até a neutralização do velame.

Atenção à pouca margem para corrigir

O morrinho pode parecer inofensivo, mas merece cuidado especial. Tudo acontece depressa: o aluno decola e, poucos instantes depois, já precisa preparar o pouso. A proximidade do terreno deixa pouco tempo e espaço para reconhecer e corrigir um erro.

É justamente essa margem reduzida que exige uma avaliação criteriosa do preparo do aluno e das condições do exercício. O cansaço acrescenta dificuldade: prejudica a atenção, a coordenação e a capacidade de responder no momento necessário. A vontade de voar não pode esconder esses sinais.

Execução

Escolha um terreno adequado ao treinamento, com espaço para interromper a decolagem e uma área de pouso livre de obstáculos. Apresente o percurso, demonstre os procedimentos e certifique-se de que o aluno compreendeu a sequência.

Avalie sua disposição antes de cada tentativa, inclusive depois da subida. Se houver perda de concentração, deterioração da postura ou dificuldade para executar movimentos anteriormente dominados, interrompa e reavalie a continuidade do treino.[21]

O aluno realiza a inflada, estabiliza a asa e estabelece o controle antes de prosseguir com a decolagem. Durante o breve voo, mantém a trajetória prevista e prepara o pouso conforme previamente ensaiado e orientado.

Observe a percepção da aproximação do terreno, a coordenação da frenagem e a continuidade do controle depois do toque. A atividade termina com o piloto e o equipamento organizados no solo.

Celebre a conquista, mas preserve a disposição para encerrar enquanto a execução ainda tem qualidade. Uma boa experiência também pode terminar com a vontade de repetir em outro dia.

Reflexão

Pergunte: “Você teve tempo para realizar o que havia planejado? Em qual momento encontrou dificuldade? Percebeu alguma diferença na sua disposição depois da subida? Como foi o controle após o pouso?”

---

[21] Na Ventomania, eu evitava prolongar as repetições no morrinho, considerando o esforço das subidas e o desgaste acumulado. A referência de duas ou três tentativas pertencia àquela rotina de treinamento; cada nova execução exige uma avaliação própria.

Gancho

Converse sobre a relação entre proximidade do terreno, tempo de resposta e possibilidade de correção. Retome também a importância de reconhecer o próprio cansaço antes que ele apareça como erro.

2. Buscar objetos no chão

Objetivo

Aprimorar o controle do parapente por meio do posicionamento e do deslocamento do corpo, explorando uma postura diferente das anteriores. O desafio reúne equilíbrio, coordenação e percepção da resposta da asa durante a busca de um objeto.

Execução

Consegue buscar um objeto no chão e terminar com o velame sob controle? Vamos experimentar!

Proponha o exercício depois que o aluno demonstrar domínio consistente do controle em solo. Escolha um terreno regular e objetos leves, fáceis de agarrar e sem partes que possam prender linhas ou danificar o equipamento.

Demonstre a sequência completa, incluindo a soltura momentânea dos batoques, a busca do objeto e a retomada dos comandos. Estabeleça as condições de realização e interrupção.

Com o velame estabilizado sobre a cabeça, o aluno organiza seu deslocamento, solta momentaneamente os batoques conforme demonstrado e procura alcançar o objeto. Durante essa ação, precisa coordenar as pernas e o posicionamento do corpo para continuar administrando a asa.

Depois, retoma os comandos e recupera sua posição habitual de controle. O objeto na mão é apenas uma parte da conquista: queremos a sequência completa!

Valorize também a decisão de abandonar a busca quando for necessário recuperar o controle do velame.

Reflexão

Pergunte: “O que mudou quando você se abaixou? Como utilizou as pernas? Conseguiu perceber a asa enquanto olhava para o objeto? Como foi retomar os batoques?”

Gancho

Retome a importância da postura e do deslocamento corporal no controle do parapente. Explore como uma tarefa diferente exige reorganizar habilidades já aprendidas — e como a brincadeira pode revelar novas possibilidades de movimento.

Criação de exercícios

Bons cozinheiros executam receitas com perfeição. Ótimos cozinheiros encontram novas possibilidades em receitas consagradas. Grandes cozinheiros também criam suas próprias receitas — e sabem reconhecer quando não é preciso mudar nenhum ingrediente.

Como até os grandes cozinheiros começaram suas primeiras experiências a partir de uma receita que já existia, nada como conversarmos um pouco sobre o que está por trás da criação de um exercício que produza bons resultados.

A primeira pergunta é simples: o que queremos que o aluno aprenda? Antes de escolher os movimentos, os materiais ou o percurso, precisamos definir a habilidade que pretendemos desenvolver e aquilo que iremos observar para avaliar seu aprendizado. Um exercício pode ser divertido, criativo e movimentar a turma inteira, mas precisa ter uma finalidade clara.

Nosso esporte é um universo de variáveis e situações que nem sempre conseguimos controlar. Ao elaborar um exercício, cabe ao instrutor selecionar quais dessas variáveis serão trabalhadas, reduzir inicialmente a complexidade e estabelecer as condições para realizá-lo, adaptá-lo ou interrompê-lo. Depois, conforme o aluno demonstra domínio, novos desafios podem ser introduzidos.

O conceito Pensar–Agir–Sentir, que já discutimos, oferece uma orientação para essa construção. Procuramos envolver a compreensão daquilo que será feito, a execução dos movimentos e a percepção do que acontece durante a atividade. A tração nos tirantes, a pressão nos batoques, o equilíbrio do corpo, o receio e a confiança oferecem informações diferentes, que merecem espaço na conversa entre instrutor e aluno.

Isso faz parte de nossa “tabuada”: o aluno explica o que entendeu, executa a proposta e depois conta o que percebeu, como se sentiu e o que acredita ter influenciado o resultado. Pensamento, ação e percepção se entrelaçam durante toda a experiência; essa sequência apenas nos ajuda a organizar o trabalho e a reflexão sobre ele.

É nessa conversa que o instrutor pode comparar sua observação com a experiência do aluno. O que ele tentou fazer? O que aconteceu? Que diferença percebeu entre uma tentativa e outra? As respostas ajudam a decidir se é hora de repetir, modificar algum elemento ou avançar.

Criar exercícios exige, portanto, mais do que inventar movimentos diferentes. Exige compreender o que se deseja ensinar, oferecer condições adequadas para a prática e observar se o aprendizado pretendido está acontecendo. A criatividade entra a serviço desse propósito.

Partindo desses princípios, vamos dar uma olhada no que se passa com um exercício simples, como por exemplo:

A corrida de decolagem

Vamos tomar como exemplo uma corrida preparatória de decolagem. Neste exercício, o aluno infla o parapente, estabiliza o velame e desenvolve uma aceleração progressiva, coordenando a postura e as passadas. O exercício permanece em solo e termina com um procedimento de interrupção e neutralização previamente treinado. Os pequenos voos pertencem a uma etapa com objetivos e condições próprias.

Para organizar esse trabalho, precisamos primeiramente reduzir as dificuldades simultâneas. Escolhemos um percurso em linha reta, em terreno e condições adequados, e partimos de habilidades já desenvolvidas, como inflar e estabilizar o velame. Essas habilidades continuam sendo observadas, mas deixam de constituir o foco principal daquele momento.

Estamos, portanto, simplificando a tarefa para que o aluno possa dedicar mais atenção ao aspecto que queremos desenvolver.

Em seguida, partimos para a determinação de um ponto-chave: uma referência que ajude o aluno a organizar sua execução.

Neste exemplo, escolhemos a postura durante a aceleração. A projeção do tronco para a frente, coordenada com o apoio das pernas e a continuidade das passadas, ajuda o aluno a perceber como seu corpo participa da tração transmitida ao parapente pela selete e pelos tirantes. Na inflada, essa coordenação precisa evitar uma tração excessiva nos tirantes, que pode deformar o bordo de ataque.

É nesse conjunto que o aluno irá concentrar sua atenção: como posiciona o corpo, como acelera e o que percebe na relação com a asa. A inclinação do tronco oferece uma referência importante, mas a corrida também precisa ser aprendida. Equilíbrio, coordenação e continuidade do movimento fazem parte da tarefa.

O ponto-chave será escolhido conforme o objetivo do exercício e a dificuldade observada. Para um aluno, poderá ser a postura; para outro, a continuidade da aceleração. Cabe ao instrutor reconhecer qual referência será mais útil naquele momento.

Reduzir a complexidade e determinar o ponto-chave

Simplificando, temos dois movimentos na construção do exercício: reduzir as dificuldades que disputam a atenção do aluno e escolher um aspecto prioritário para orientar sua execução.

Limpamos o “terreno” para que ele consiga perceber melhor o que está fazendo. Depois, reintroduzimos progressivamente as dificuldades e observamos se o aprendizado se mantém quando as partes voltam a funcionar em conjunto.

Esse raciocínio pode ajudar na criação de exercícios em diferentes esportes, desde que respeitemos suas particularidades. Vamos tomar uma aula de natação como exemplo.

Alguns alunos que estão aprendendo crawl levantam a cabeça ao respirar. O movimento que desejamos desenvolver envolve a rotação da cabeça para o lado, acompanhando a rotação do corpo, com atenção ao alinhamento entre cabeça e coluna.

Como trabalhar essa dificuldade?

Podemos começar com uma situação simplificada, em água rasa, com apoio dos pés no fundo e acompanhamento do professor. Assim, reduzimos a exigência de propulsão e de coordenação do nado completo, permitindo que o aluno explore o movimento relacionado à respiração.

O ponto-chave será perceber essa rotação e sua relação com a tomada de ar. O professor demonstra, o aluno experimenta e ambos observam o resultado. Uma referência corporal pode ajudar, desde que seja compreensível e adequada à pessoa que está aprendendo.

Chame a atenção para as sensações. O movimento do pescoço, o contato da água com o rosto, o som das bolhas e o esforço percebido oferecem informações para a compreensão da tarefa. Pergunte o que mudou entre uma tentativa e outra e como o aluno reconhece essa diferença.

Quando houver domínio nessa situação simplificada, os demais componentes do nado serão incorporados progressivamente. É nessa integração que poderemos observar se o exercício contribuiu para melhorar a respiração durante o crawl.

Foi esse raciocínio que André Ramponi empregou ao segurar uma das pontas do velame enquanto o aluno trabalhava a outra na inflada reversa. Ao impedir a subida daquele lado, reduzia sua interferência e permitia ao aprendiz concentrar-se na relação entre a puxada, a subida e o controle do lado em estudo.

Era quase um “parapente com uma ponta só”. A tarefa ficava mais simples, o aluno conseguia perceber melhor o resultado de suas ações e ZAZ!, uma dificuldade antes confusa começava a fazer sentido.

Nas experiências que acompanhei, essa simplificação facilitou bastante o aprendizado. Depois, ao retirar a ajuda, era necessário observar como o aluno passava a lidar com os dois lados e quais dificuldades ainda precisavam ser trabalhadas.

É esse olhar que convido você a desenvolver. Qual habilidade pretende ensinar? O que pode simplificar? Qual ponto-chave ajudará seu aluno? Como reconhecerá o aprendizado quando as dificuldades forem novamente integradas?

Agora é sua vez!

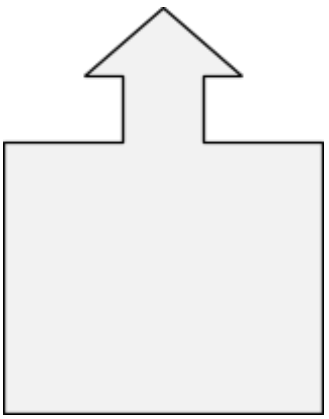
Avaliações

Quando seus alunos estiverem próximos de reunir as habilidades trabalhadas, proponha um desafio: “Vamos ver como tudo isso funciona junto?”

A avaliação é, antes de tudo, um convite ao aprimoramento. Ela oferece uma oportunidade de perceber conquistas, reconhecer dificuldades e encontrar motivos para continuar treinando. O momento pode surpreender, mas as tarefas e os critérios devem ser conhecidos pelos alunos.

Uma proposta de atividade

Desenhe um quadrado de cinco por cinco metros, com uma saída definida para a corrida de decolagem. Essas medidas são uma referência para organizar a atividade e podem ser adaptadas às condições do treinamento.



O aluno realiza a preparação, avalia as condições, infla o velame fora do quadrado e o conduz para dentro. O desafio seguinte é permanecer nessa área, mantendo o controle por vinte segundos. Os ajustes de posição fazem parte da tarefa.

Depois, executa a corrida e conclui a sequência conforme a proposta previamente combinada: uma interrupção ainda em solo ou, quando houver preparo e condições adequadas, um voo curto com pouso planejado.

Ao terminar, retoma o controle de frente para o velame, conduz sua neutralização e organiza o equipamento para uma nova tentativa. A atividade continua até que o conjunto esteja novamente preparado.

O que observar

Durante a execução, considere:

- A interpretação das condições e a decisão de realizar ou interromper a tentativa.
- A percepção do estado físico e emocional e o reconhecimento dos próprios limites.
- A análise e a preparação do equipamento.

- A postura olímpica e a coordenação dos movimentos.
- O controle do velame e a continuidade entre as etapas.
- A organização do encerramento e da preparação para uma nova execução.

Participação dos alunos

Comece ouvindo quem realizou o desafio. Depois, convide os colegas a comentar o que observaram e acrescente sua avaliação.

Vocês podem atribuir notas ou criar uma pontuação para tornar a atividade mais envolvente. Utilize esses resultados para orientar novas tentativas: o que melhorou? Onde houve dificuldade? O que vale experimentar na próxima vez?

A comparação com o próprio desempenho ajuda o aluno a reconhecer seu progresso. A participação dos colegas também exercita a observação e a compreensão dos procedimentos.

Possibilidades de utilização

Essa proposta pode ser adaptada para avaliações classificatórias, inclusive no âmbito de escolas e associações, com finalidade, critérios e responsabilidades claramente definidos.

No contexto deste manual, sua função principal é estimular o aprendizado por meio de desafios. Queremos que o aluno termine a atividade compreendendo melhor sua execução e com vontade de aprimorá-la. O resultado também oferece ao instrutor informações para planejar as próximas etapas, em conjunto com aquilo que acompanha ao longo do treinamento.

Primeiros voos

Seu aluno vem demonstrando consistência nos exercícios, compreende os procedimentos e aproxima-se de uma nova etapa. Prepare esse momento como uma ocasião especial. Há muita expectativa envolvida: depois de tantas experiências em solo, o aprendizado começa a ganhar outra dimensão.

Converse com ele sobre como está se sentindo. O entusiasmo pode vir acompanhado de receio, dúvidas e vontade de mostrar serviço. Crie espaço para que tudo isso apareça, inclusive a possibilidade de dizer: “Hoje prefiro esperar”.

A presença de familiares, amigos e câmeras também merece uma conversa. Para algumas pessoas, essa companhia oferece tranquilidade; para outras, aumenta a

distração ou a pressão para realizar o voo. Combine uma organização que favoreça a concentração do aluno.[22]

Conhecer o aluno e reconhecer seu preparo

Alguns instrutores encontram dificuldades com alunos que desejam antecipar etapas ou começar a voar por conta própria. Antes de atribuir isso apenas à ansiedade do aprendiz, vale examinar o percurso construído com ele:

1. O aluno desenvolveu as habilidades previstas e demonstra consistência em sua execução?
2. Houve colaboração, escuta e conversas que permitiram conhecer suas expectativas, dificuldades e maneiras de decidir?
3. Ele compreende as responsabilidades que pode assumir nesta etapa e reconhece quando precisa de orientação?

Essas perguntas ajudam a avaliar o trabalho realizado e os pontos que ainda precisam de atenção. Converse claramente sobre os limites da formação, a necessidade de supervisão e os motivos das etapas propostas.

Observe também sua própria expectativa. Ver um aluno decolar é uma alegria para o instrutor, e essa vontade precisa conviver com a avaliação cuidadosa de seu preparo. A decisão de avançar deve apoiar-se no que ele demonstra e nas condições disponíveis.

Construção do plano de voo

Peça ao aluno que apresente um plano de voo, construído e revisto com você. Ele deverá reconhecer a área de decolagem, a trajetória prevista, as eventuais mudanças de direção, a aproximação e o pouso, utilizando referências compreensíveis daquele local.

Convide-o a explicar suas escolhas. Por que preparar o velame naquele ponto? Qual técnica de inflada pretende utilizar? Como reconhecerá que pode prosseguir? Onde estarão suas referências durante o voo? Que alternativas foram combinadas caso a situação se modifique?

Uma explicação pode começar assim:

“Vou preparar o equipamento na área que avaliamos e utilizar a técnica de inflada adequada às condições. Antes de prosseguir, verificarei o controle da asa e o espaço disponível. Depois da decolagem, manterei a trajetória combinada e só me acomodarei na selete quando estiver afastado do terreno e dos obstáculos,

[22] Na Ventomania, eu recomendava que os alunos deixassem os convites a familiares e amigos para depois das primeiras experiências de voo. Minha intenção era reduzir a pressão de uma plateia num momento de grande expectativa. Essa escolha fazia parte da organização de minha escola e pode ser considerada por outros instrutores conforme as necessidades de seus alunos.

conforme treinamos. Vou acompanhar as referências da aproximação e preparar o pouso na área prevista.”

O plano precisa corresponder ao voo que será realizado. Mudanças de direção, acomodação na selete e preparação para o pouso devem considerar o local, o equipamento, as condições e o nível do aluno.

Inclua a interpretação do vento, o tráfego, os obstáculos e as alternativas possíveis. Combine também a comunicação e o procedimento diante de uma falha do rádio. Peça que o aluno explique o que compreendeu, permitindo esclarecer dúvidas antes da decolagem.

Acompanhamento e comunicação

Com o preparo concluído e as condições novamente avaliadas, informe ao aluno que poderá iniciar dentro da organização combinada. Preserve seu espaço de concentração, mantenha outras pessoas afastadas da preparação e continue observando.

Evite transmitir sua ansiedade por meio de falas incessantes. Ao mesmo tempo, ofereça o apoio necessário, com intervenções antecipadas quando perceber uma dificuldade. As orientações devem ser breves, claras e compreendidas pelo aluno.

A quantidade de ajuda será ajustada ao seu preparo e à situação. Quando for necessário indicar uma direção ou uma ação, faça isso de maneira inequívoca, utilizando os termos previamente combinados. A oportunidade de refletir sobre as decisões continuará na conversa após o pouso.[23]

Depois do voo

Celebre! Esse momento também pertence à história que vocês estão construindo juntos.

Depois, escute o aluno: o que percebeu? O que aconteceu como havia imaginado? Onde encontrou dificuldade? Compare o plano com a experiência e utilize essa conversa para orientar o próximo passo.

A quantidade de voos, isoladamente, não descreve toda a aprendizagem. Acompanhe a consistência técnica, a compreensão, as decisões e o reconhecimento dos limites, considerando os critérios do programa de formação.

[23] Na Ventomania, eu procurava evitar indicações constantes de “direita” e “esquerda”, incentivando o aluno a reconhecer sua posição e relacioná-la ao plano preparado. Essa prática integrava um treinamento com forte ênfase na compreensão e na iniciativa. Ao apresentá-la aqui, proponho uma reflexão sobre a construção da autonomia. A intervenção em cada curso precisa considerar o preparo do aluno, a clareza da comunicação e o tempo disponível para agir, incluindo orientações diretas sempre que necessárias.

Alguns alunos demonstrarão grande facilidade motora. Valorize essa conquista e ajude-os a compreender que a experiência continuará sendo construída. A estabilidade do equipamento também precisa ser entendida dentro de seus limites: continuamos pilotando uma asa flexível, sujeita às condições do ar e às ações do piloto.

A importância do acúmulo de experiência

Com o tempo e a prática, seu aluno começará a perceber detalhes que passaram despercebidos durante o treinamento e os primeiros voos. Mesmo que sua evolução técnica seja rápida, não há como “enfiar” experiência em um novo piloto. Ela será construída nas situações vividas, nas decisões tomadas e na reflexão sobre seus resultados.

É importante que ele compreenda isso. A facilidade para executar movimentos, somada à estabilidade do equipamento, pode produzir uma confiança maior do que seu preparo permite. Concluir o programa básico com bom desempenho é uma conquista, mas sua formação continua dentro das condições e dos limites para os quais foi preparado.

Acumular horas oferece oportunidades de aprender. O aproveitamento dessas oportunidades depende também da qualidade da prática: observar, comparar experiências, conversar sobre dúvidas e reconhecer escolhas que precisam ser revistas. A repetição pode consolidar tanto procedimentos úteis quanto hábitos inadequados.

Incentive o aluno a conversar sobre seus voos. O que percebeu de diferente? O que decidiu? Por que prosseguiu ou preferiu ficar no chão? Que situação gostaria de compreender melhor? Retomamos aqui o pensar, agir e sentir que orienta nosso método.

A experiência pode ampliar o repertório do piloto e ajudá-lo a reconhecer situações com mais antecedência. Ao mesmo tempo, a familiaridade exige atenção: ter realizado algo muitas vezes sem problemas não garante que a próxima tentativa encontrará as mesmas condições. Continuar aprendendo inclui conservar a disposição para observar, perguntar e reconsiderar.

Acompanhamento

O curso básico terminou, mas há muita coisa interessante pela frente. Sua escola está preparada para continuar participando desse aprendizado?

Você pode oferecer encontros de revisão, exercícios de controle em solo, conversas sobre os voos e orientação para a escolha de locais e condições adequados. Esse acompanhamento permite reconhecer dificuldades que aparecem depois do curso e ajudar o piloto a planejar seus próximos passos.

Para quem deseja avançar, um curso intermediário pode trabalhar novas competências de controle e preparar a entrada no voo térmico. Movimentos pendulares, acelerações, desacelerações e curvas em voo exigem planejamento, supervisão e uma estrutura compatível com a proposta. Avalie a preparação da equipe e, quando necessário, conte com profissionais especializados.

Converse também sobre os objetivos de cada piloto. Alguns vão querer aprender a aproveitar térmicas, viajar e ampliar suas possibilidades. Outros encontrarão satisfação em voos tranquilos e ocasionais. Cada escolha oferece motivos para continuar desenvolvendo técnica, compreensão e capacidade de decisão.

Então, mantenha essa porta aberta! Organize atividades, proponha desafios e escute as experiências de quem aprendeu com você. A escola pode continuar sendo um lugar de encontro, descoberta e prazer, enquanto seus antigos alunos constroem suas próprias histórias no esporte.

Elaborado por Silvio Carlos Ambrosini – Sivuca

Abril 2012

Revisado em outubro de 2026.

Agradecimentos

A Denis Vivanco, que além de ter me apresentado ao esporte em 1990, acreditou e iniciou junto comigo, a escola Ventomania em 1995 em meio a um momento altamente complexo de minha vida.

A André Ramponi com quem dividi a maior parte de minha vida de instrutor de parapente e que trouxe inestimáveis contribuições práticas para a realização deste método.

A Kurt que trouxe um crescimento teórico formidável à Ventomania e principalmente, por tudo o que sua singular delicadeza humana me ensinou.

Aos meus queridos Ventomaníacos que acreditaram em mim e em minha proposta metodológicas, dividindo e curtindo ao máximo os lindos momentos da vida de um iniciante no voo livre de parapente.